



**TATIANA DOS SANTOS**

**REFLEXOS DA INCORPORAÇÃO DA TEORIA DA  
CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA PELA FACULDADE  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA  
UNICAMP**

**CAMPINAS - 2001**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**REFLEXOS DA INCORPORAÇÃO DA TEORIA DA  
CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA PELA FACULDADE DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNICAMP**

*Monografia apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do Título de Licenciada em Educação Física pela Faculdade de  
Educação Física da Unicamp,  
sob a orientação do Prof.Dr. Lino Castellani Filho.*

**CAMPINAS - 2001**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**REFLEXOS DA INCORPORAÇÃO DA TEORIA DA  
CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA PELA FACULDADE DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNICAMP**

**BANCA EXAMINADORA:**

*Prof.Dr. Wagner Wey Moreira*

---

*Prof. Dr. Lino Castellani Filho (orientador)*

---

**CAMPINAS - 2001**

## Graduação

Curso... percurso...  
Cursar : percorrer um caminho?  
caminhar...  
Quatro anos... quantas vezes,  
quantos sorrisos,  
quantos olhares, quanto sentir,  
quantos sentidos...  
Quantas pessoas foram, quantas chegaram...  
quantas realmente ficaram percorrendo junto  
percorrendo com?  
Quatro anos...  
quanto aprender/refletir/sonhar...  
aprendendo... buscando...  
quanto trocar... quanto ceder...  
O que realmente ficou?  
E ficou por quê? Quem ficou?  
Ficou onde? Se ficou, ficou dentro, lá no fundo. No coração? Na alma?  
Não. Ficou em mim: ficou no corpo.  
Viver /aprender/sentir/ensinar: incorporar!  
Incorporar tudo e a todos  
de todas as maneiras com todos os sentidos e de todos os sentidos:  
às vezes bom, às vezes ruim...  
Umás vezes querendo de novo, outras se arrependendo... outras vezes errando, outras acertando  
Num contínuo renascer como renasce cada novo dia:  
"Amanhecer...  
É uma lição do universo  
Que nos ensina que é preciso renascer  
O novo amanhece..."  
Quatro anos amanhecendo/aprendendo/ensinando/errando/incorporando enfim, vivendo...  
Ou talvez nem tanto.  
Quantas vezes nos deixamos incorporar pela Universidade?  
Quantas vezes nos deixamos incorporar por suas diferenças e singularidades,  
Por suas pessoas...  
Encontros, encantos;  
Desencontros e desencantos  
por todos os cantos.  
Caminhos e vários caminhar diferentes:  
Plural.  
Universidade, Diversidade, Encontro.  
Vida  
ComJunto  
Amanhecendo/construindo o novo de novo  
e de novo o novo sempre  
Ou nem tanto.

TatiS (nov/2001).

*Dedico:*

*A "Dona" Ana - avó querida - e ao "Seu" Paulo - meu avô - por me ensinarem a  
caminhar sem indicarem qual o caminho.*

*A Maria Leni - minha mãe - que mesmo quando esteve longe estava perto... e  
estando perto fica mais fácil entender porque devo insistir no caminhar.*

## SUMÁRIO

I)	DO TÍTULO _____	08
II)	CONSIDERAÇÕES INICIAIS _____	09
III)	INTRODUÇÃO _____	12
IV)	MANUEL SÉRGIO E A SUA TEORIA DA CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA _____	14
V)	MANUEL SÉRGIO: SINCRÉTICO OU ECLÉTICO? _____	20
VI)	A MOTRICIDADE HUMANA E A FEE/UNICAMP _____	26
VII)	O SINCRETISMO NA FEE/UNICAMP -----	31
VIII)	ANEXO I _____	39
IX)	ANEXO II _____	43
X)	BIBLIOGRAFIA _____	71

## I) Do Título

No decorrer do processo de construção deste trabalho e, principalmente, em sua finalização, percebi que o título *Reflexos da Teoria da Ciência da Motricidade Humana na Faculdade de Educação Física da Unicamp* não expressava muito bem o que este estudo se propõe a mostrar. Nesse sentido, decidi mudá-lo visto que, esta monografia não teve como objetivo principal estudar a Teoria de Manuel Sérgio. Ao passar pela avaliação da Banca Examinadora, a mesma também identificou o problema e sugeriu que o título fosse mudado. Entretanto, antes da revisão final não soube como alterá-lo.

Em decorrência destes fatores, a opção por *Reflexos da Incorporação da Teoria da Ciência da Motricidade Humana pela Faculdade de Educação Física da Unicamp* tem a intenção de tentar deixar claro, já no título, que o objetivo desta pesquisa não foi a de estudar a Teoria da Ciência da Motricidade Humana propriamente dita - sem, é claro, deixar de estudá-la - , mas ocupar-se da apreensão da mesma pela FEF/Unicamp. Ou seja, ocupar-se dos fatores que trouxeram a teoria de Manuel Sérgio e a sua Teoria para esta Instituição, seu processo de incorporação e como ela se manteve até hoje.

## II) Considerações iniciais

O título de estudo remete-se à palavra “reflexão”. Assim sendo, gostaria de tecer algumas considerações a respeito desta palavra, que de uma forma ou de outra percorre todas as páginas deste texto.

Para isso fui mais uma vez ao companheiro inseparável de leituras - o AURÉLIO - e encontrei as seguintes definições muito interessantes para um ponto de partida:

*“Reflexão: (do latim ‘reflexiore’, ação de voltar para trás, de virar, reciprocidade),*

- 1.) *ato ou efeito de refletir-se;*
- 2.) *volta consciência, do espírito sobre si mesmo para examinar seu próprio conteúdo por meio de entendimento, da razão;*
- 3.) *cisma, meditação; contemplação;*
- 4.) *consideração atenta; prudência, tino, discernimento;*
- 5.) *ponderação, observação, reparo(...).”*

Segundo SAVIANI (1991) reflexão seria um pensamento em segundo grau, vale dizer, *“(...) um pensamento consciente de si mesmo, capaz de se avaliar, de verificar o grau de adequação que mantém com os dados objetivos de medir-se com o real. Pode aplicar-se às impressões e opiniões, aos conhecimentos científicos e técnicos, interrogando-se sobre o seu significado. Refletir é o ato de retornar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, vasculhar numa busca constante de significado. É examinar detidamente, prestar atenção, analisar com cuidado. (...)”* (p.23)

Tais considerações vão ao encontro das palavras do AURÉLIO quando define “refletir” como *“pensar maduramente; meditar; (...)”* e também com a pretensão deste estudo que é “botar reparo” na Faculdade de Educação Física da Unicamp que me recebeu e abrigou nestes últimos quatro anos.

Esta Faculdade foi fundada em 1985 - é bem jovem ainda! -, mas já tem muita história para contar: a sua própria enquanto uma Instituição dentro da Unicamp e as

pequenas - ou nem tanto - histórias de tantas pessoas (corpo discente e docente) que passaram por ela.

A história da FEF confunde-se com as das pessoas que nela viveram pelo menos uma parte de suas vidas nesse sentido, minha história também é uma das que se *misturaram* neste dezesseis anos de vida desta Faculdade. Talvez seja este um dos motivos de algumas dificuldades encontradas em desenvolver este trabalho: às vezes é extremamente doloroso repensar, meditar, “*retornar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, vasculhar numa busca constante de significado*” do e no local onde você escreve sua história e a história deste mesmo lugar.

Minha história confunde-se com a da FEF, pois esta é/foi extremamente significativa para minha formação acadêmica e profissional como também o é/foi a militância no Movimento Estudantil da Educação Física (MEEF) desde que iniciei a Graduação. Esta militância, entre outros fatores, permitiu que tivesse contato mais próximo com a realidade dos estudantes de Educação Física do Brasil todo e com as diferenças, muitas vezes, gritantes entre os cursos que faço/fiz e o eles fazem/fizeram.

Tais diferenças não se limitam aos aspectos sócio-culturais e estruturais de cada curso, mas também incluem até a própria concepção de Educação Física defendida pelos mesmos. Nesse sentido, o MEEF contribui muito para o *despertar* da necessidade de refletir e construir este estudo.

Bom, o lugar é a FEF/Unicamp e a parte de sua história que pretendo “*deixar ver, revelar, mostrar (...)*” (outra definição de “refletir” trazida pelo AURÉLIO) é a que trata do caminho percorrido pela Teoria da Ciência da Motricidade Humana nos corredores desta Instituição até a atualidade (momento este em que escrevo parte da minha história particular). Para isso, entrevistei parte do corpo docente desta Faculdade, discentes já egressos e, para os estudantes que ainda estão no palco da FEF, recolhi um questionário fechado.<sup>1</sup> Com isso, procuro perceber que tipo de reflexo a Teoria da Ciência da

---

<sup>1</sup> As entrevistas foram do tipo oral-livre baseada num roteiro de perguntas apresentado aos entrevistados anteriormente. Os entrevistados (tanto o docente como o discente) tiveram total liberdade em suas falas o que é perfeitamente identificado nos depoimentos altamente coloquiais. O questionário é composto por

Motricidade Humana deixou na no corpo desta Faculdade: se este tal reflexo é a) *“uma cópia, reprodução, imitação”*; b) é *“aquilo que evoca a realidade de maneira imprecisa ou incompleta”*, ou ainda c) *“manifestação indireta de uma circunstância, de um fato”* (AURÉLIO).

Estas três possibilidades de reflexo podem ser aproximadas com a idéia de uma marca, já que falo do *corpo* da FEF/Unicamp. De que forma a Teoria da Ciência da Motricidade Humana marcou os docentes e os discentes desta Instituição? Estas “marcas” foram feitas a ferro quente<sup>2</sup> (a e c) ou com carimbo que some com o tempo (b)? Ou seja, se estas marcas/reflexos revelaram-se definitivas (sem perder de vista que estas se dão dialeticamente, sem uma seqüência lógica ou cronológica) ou não, no decorrer do processo histórico em que tanto a FEF/Unicamp quanto a Educação Física brasileira estão inseridas.

---

nove questões fechadas com objetivo de verificar como se dá a presença da Teoria da Ciência da Motricidade Humana no cotidiano dos alunos da FEF/Unicamp na atualidade.

Ambos instrumentos encontram-se nos anexos I e II deste estudo.

<sup>2</sup> Refiro-me à marcação feita no gado para identificar o seu proprietário

### III) Introdução

*Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação Física...* Ainda é estranho acreditar que estou escrevendo um trabalho com este caráter. “*Escrevendo*” porque o conhecimento humano é um contínuo processo de escrita e reescrita. Há quatro anos algo deste tipo era tão distante... mas foi neste *passado distante* que encontrei o tema deste estudo.

Ao iniciar o curso de graduação – depois da pressão do Vestibular, depois de ouvir *piadinhas* como: “*you estudou tanto, pra quê fazer Educação Física?*” – deparei-me com a *Unicamp*: fiquei deslumbrada! Universidade Pública Paulista, um dos berços da produção de conhecimento científico do país! E *euzinha* aqui tendo aula com as maiores *referências bibliográficas* da área! Realmente muitas vezes ficava sem fôlego, mas, aos poucos meus pés voltaram a tocar o chão e muito do deslumbre se transformou em dúvidas que trouxeram várias inquietações.

Uma destas dúvidas motivou a construção deste estudo concebido primeiramente como Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) e complementado neste conjunto de páginas que você agora tem em mãos.

A dúvida? Bom, a dúvida pode ser escrita de diversas maneiras e uma delas é a pergunta que me fiz logo ao iniciar o curso de graduação em Educação Física da Unicamp: por que *MH* nos códigos das disciplinas do curso ao contrário de *EF*? Esta dúvida pode ser dita de outro modo: Motricidade Humana? Por que não Educação Física?

A partir daquele momento, iniciou-se um processo relativamente longo e controverso de reflexão sobre esta pergunta (ou seria um problema?) que desencadeou esta *monografia de conclusão de curso*. Segundo SAVIANI (1994), “*a essência do problema é a necessidade (...) uma questão, em si, não caracteriza o problema, nem mesmo aquela cuja resposta é desconhecida; mas uma questão cuja resposta se desconhece e se necessita conhecer, eis aí um problema*” (p.21).

A necessidade inicial foi saber porque MH e não EF, *eis aí o meu problema*. No decorrer dos estudos percebi que este problema era bem amplo e que, de uma forma ou de outra, perpassa toda a problematização epistemológica da Educação Física. Pois entendendo a epistemologia como

*“(...) a disciplina que toma por objeto não mais a ciência feita, uma ciência verdadeira de que deveríamos estabelecer as condições de possibilidade da ou de títulos de legitimidade, mas as ciências em via de se fazerem, em seu processo de gênese, de formação e de estruturação progressiva” (JAPIASSU, Hilton & MARCONDES, Danilo. Dicionário Básico de Filosofia.*

*Jorge Zoar Editor, 1998),*

posso indagar, tomando como exemplo alguns autores da área, se a Educação Física é ou não ciência ou, ainda, se deve ser ciência. E se para isso precisa ou não de uma nova reestruturação que possa até levar a uma mudança (ou seria a definição de um conceito?!) radical do seu entendimento, que hoje são vários (atividade física, disciplina acadêmica, área de conhecimento, prática pedagógica).

A FEF/Unicamp, ao meu ver, optou pelo entendimento de que a Educação Física é (ou pode ser) uma ciência quando adotou como matriz teórica a Teoria da Ciência da Motricidade Humana – sem perder de vista a compreensão que a teoria de Manuel Sérgio traz de que a Educação Física é o seu *ramo pedagógico-*, posso dizer que esta opção se deu de uma forma um pouco *confusa e/ou atropelada*. Visto que se pode perceber que a FEF, na realidade, optou pela expressão *Teoria da Ciência da Motricidade Humana* e não necessária e exclusivamente pelo seu conceito de ciência. Ou seja, a implantação do código *MH* nas disciplinas não eliminou os outros entendimentos de Educação Física – atividade física, disciplina acadêmica, área de conhecimento – tendo estes uma convivência um pouco controversa no sentido de que estão todos presentes no curso de Graduação da FEF/Unicamp, porém de uma forma sincrética (fragmentada) e difusa em que muitas vezes (pelo menos para os graduandos) são compreendidos como sinônimos.

#### **IV) Manuel Sérgio e a sua Teoria da Ciência da Motricidade Humana**

Manuel Sérgio Vieira e Cunha nasceu em 1933 em Lisboa, Portugal.

Licenciou-se em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lecionou na Escola de Educação Física de Lisboa, no Instituto Nacional de Educação Física (INEF, que posteriormente tornou-se o Instituto Superior de Educação Física) e na Escola Naval (Ministério da Marinha) de Lisboa.

Em 1983, Manuel Sérgio integra-se ao corpo docente de Propedêutica I (opção Desporto) no Instituto Superior de Educação Física da Universidade Técnica de Lisboa, no mesmo ano de sua primeira passagem pelo Brasil, quando participou do III Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), realizado em Guarulhos-SP, como palestrante numa mesa sob o tema "Desporto e Desenvolvimento Humano".

Mais uma vez no cenário brasileiro participou, em 1985, do IV CONBRACE, em Poços de Caldas-MG e do VI Encontro Nacional dos Estudantes de Educação Física (ENEFF), realizado em João Pessoa - PB.

Neste momento, a Educação Física brasileira passava por várias redefinições e Manuel Sérgio contribuiu muito para elas se envolvendo, por exemplo, nas discussões dentro do CBCE (Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte) sobre a presença dos médicos - o CBCE foi fundado em 1978 e até então era somente dirigido por profissionais da área médica, e em decorrência disto muito influenciado por uma concepção de Homem fundada nas Ciências Biológicas - na direção desta Instituição científica. A partir daí, também com influência da inserção deste filósofo no cenário brasileiro, um grupo de professores de Educação Física mais próximos das Ciências Humanas assumem a direção do CBCE, assim permanecendo até hoje.

Prosseguindo seu caminhar, no ano de 1986 Manuel Sérgio doutorou-se em Motricidade Humana pelo Instituto Superior de Educação Física da Universidade Técnica de Lisboa (ISEF/UTL), **instituto que após a sua defesa passou a se chamar Faculdade de Motricidade Humana**. Também neste ano foi convidado pela

FEF/Unicamp a integrar seu corpo docente e permanece nesta Faculdade como Professor Visitante de 1987 a 1988.

Na década de 1990 obtém o título de livre-docente junto à mesma Universidade portuguesa.

Este filósofo dedica-se ao estudo e à investigação epistemológica “na área de uma nova ciência do Homem”, procurando dar uma nova identidade para a Educação Física a partir de sua Teoria da Ciência da Motricidade Humana.

Segundo FEITOSA

*“a Ciência da Motricidade Humana emerge como uma contribuição profunda, clara e lúcida para possibilitar uma reflexão alargada e aberta em todas as direções. É uma investigação com um sentido vertical, que pretende mergulhar no coração complexo dos fenômenos particulares, e com um sentido horizontal, que pretende atingir todas as ramificações da teia social. Onde houver um ser humano vivo, em movimento de superação de qualquer carência, aí estará um possível objecto de estudo para esta ciência – jovem demais para ser conhecida por muitos, mas adulta o suficiente para não passar despercebida.”* (Ana Maria Feitosa prefaciando o livro Motricidade Humana: contribuições para um paradigma emergente de Manuel Sérgio).

(grifo meu)

Manuel Sérgio em sua “Carta aberta aos professores de Educação Física” – que hoje faz parte do livro “Educação Física ou Ciência da Motricidade Humana?” – explica *menos prolixamente* (aqui me aproprio da fala de um dos docentes entrevistados que o classifica como “*muito simpático e muito prolixo*”) como *nasce* esta nova ciência.

Nesta carta datada provavelmente de 1989 – escrita inicialmente para os patrícios de Manuel Sérgio “*ainda denominados professores de Educação Física*” e depois acrescida de um “pos scriptum” aos brasileiros – fala em tom de despedida aos últimos, pois afirma ter por estes “*laços de ternura e gratidão* .”

Assim sendo, em seu primeiro momento, a Carta (antes do “pos scriptum”) é destinada àqueles que ainda não têm conhecimento de sua teoria – o filósofo diz que por motivos que ele não considera importantes – e parece ser uma resposta às críticas

lançadas ao seu trabalho por erros do próprio autor e também por incompreensões que segundo ele nem de leve tocariam no conteúdo de sua tese. Aos brasileiros, entre os vários agradecimentos lançados a várias personalidades<sup>3</sup> da Educação Física brasileira, diz que *“primando pela moderação e pela cordura”*, devem

*“convencer as autoridades brasileiras de que há uma ciência de que somos, não donos obcecados e ciumentos, mas os estudiosos e praticamente de tempo integral (e não só das autoridades, mas da comunidade científica e alguns profissionais de Educação Física rotineiros e melindrosos)(...)”* (p.69).

Neste documento também discorre sobre o que o motivou a escrever a tese da Teoria da Ciência da Motricidade Humana, que passa pelo seu envolvimento com o time de futebol “Os Belenenses” e pela atuação como docente da disciplina “Filosofia das Atividades Corporais” (título de um dos seus livros), sendo esta última a responsável pelo questionamento de como existir uma Filosofia sem uma ciência que lhe dê sustentação.

Manuel Sérgio afirma ainda nesta Carta que, mesmo com todo o valioso trabalho de vários estudiosos contemporâneos, a Educação Física não conseguiu se livrar do *“sistemático recurso à analogia”* e, para ultrapassá-lo, necessita de *“uma nova linguagem, o necessário corte epistemológico”*. Mais adiante, ele diz acreditar no alcance dos cortes epistemológicos, porém que com eles deve estar associado um *“corte ao nível institucional, que torne mais afirmativa o que a epistemologia procura”*, e diz ainda que a Educação Física precisa de uma autocrítica epistemológica sem a qual perpetuar-se-ão:

*“a linguagem polimórfica, a confusão de conteúdos, o imediatismo e o mero exercício da astúcia. E sobretudo, perde-se um tempo precioso pedindo de empréstimo, a outras ciências,*

---

<sup>3</sup> Manuel Sérgio ao tentar legitimar (fazer aceitar) sua Teoria no Brasil entra em contato com *diversas personalidades* – dentre as quais: *“(...) os Doutores Gomes Tubino, Aguinaldo Gonçalves, (...), Ademir Gebara, e Rubem Alves”, os “Mestres João Batista Freire da Silva, Lino Castellani Filho, Celi Nelza Zulke Taffarel,(...), Ana Maria Albuquerque Feitosa (...)”* (SÉRGIO, 1991, p.71) – sem questionar o posicionamento muitas vezes antagônico das mesmas em relação à Educação Física e à situação política e econômica do país naquele momento histórico.

*modelos de inteligibilidade. Não é pois, de estranhar as reservas e precauções da Universidade em admitir-nos em seu seio.” (SÉRGIO,1991 p.26).  
(grifo meu).*

Seguindo neste raciocínio, este filósofo pergunta quando deixará de existir dentro da Educação Física uma concepção de conhecimento *“centrada no físico e no biológico, como se a área de investigação, neste campo, só devesse caminhar no sentido da melhoria da capacidade funcional”*. Diz que chegou o momento de crítica e de autocrítica, pois sem ambas o novo (uma mudança de concepção, de paradigma) não acontece. E se remete a Thomas KUNH afirmando que nenhuma ciência se desenvolve de maneira cumulativa e contínua, e sim por saltos qualitativos, sendo que é através desses saltos que se justifica a existência de uma comunidade científica (*“entendida como sistema de organização, promoção e reafirmação do labor científico”*).

Segundo Manuel Sérgio, cada salto qualitativo corresponde a uma mudança de paradigma, isto é, ao surgimento de outros princípios, teorias e conceitos básicos. Afirma ainda, agora se baseando em SOUSA E SANTOS, que a ciência se processa em dois momentos: o da ciência normal (quando o paradigma é totalmente aceito pela comunidade científica) e o da ciência revolucionária (que sendo a ciência normal sujeita a falhas ocorrem inovações profundas ao longo do desenvolvimento científico), ou seja, é no segundo momento que ocorre a mudança de paradigma.

Desta forma, Manuel Sérgio primeiramente vai construindo sua argumentação no sentido de que a Educação Física não se justificaria no contexto universitário, a não ser a partir de uma linguagem própria, uma linguagem científica ou ainda a partir de uma mudança de paradigma. Assim sendo, é importante considerar o que ele diz mais adiante em sua Carta:

*“Começamos pela primeira interrogação: pode ser a Educação Física uma ciência, ou ela é tão-só um aspecto da Pedagogia Geral?(...) será que poderemos fazer dela uma ciência independente, com lugar marcado entre as demais ciências? Com o nome Educação Física isso não parece possível, como não parecem possíveis ciências com designações tais como: Ciência da Educação*

*Musical, Ciência da Educação Matemática, Ciência da Educação Visual, etc, etc. O que julgamos ser possível é fazer dela (com uma outra designação) a vertente pedagógica de uma nova ciência. Ciência da Educação Física é uma expressão que não atende ao rigor de linguagem exigido pelo desenvolvimento das ciências, pois funde (e confunde) dentro de si conceitos claramente distintos. Se Educação é um aspecto da Pedagogia Geral, Ciência da Educação Física alude a construção teórica que não pode se transformar em qualquer modelo de situação real. Entretanto, porque uma ciência só se constitui como tal (com corpo de conhecimento e de resultados) no momento em que o sistema que a produz já construiu o seu próprio e autônomo objeto teórico, não me parece desavisado caminhar na direção de Ciência da Motricidade Humana, a qual nos possibilitaria a construção de uma teoria que nos colocaria em correspondência com a realidade (...)" (SÉRGIO,1991 p.35).*

*(grifos meus).*

Neste trecho, Manuel Sérgio já anuncia que a Motricidade Humana é maior que a Educação Física e que esta última, sendo a sua "vertente pedagógica" ou o seu "ramo pedagógico", seria responsável (seja na escola, no clube e etc) pelo seu aspecto educacional. A "outra designação" adotada para substituir Educação Física foi *Educação Motora* nomenclatura que - lembrando que uma das justificativas para esta nova ciência é que o termo "Educação Física" está preso ao paradigma cartesiano - não conseguiu se desprender da dicotomia corpo/mente.

A Motricidade Humana é maior porque as "condutas motoras (comportamentos motores significativamente vividos)" - que são o objeto de estudo desta ciência - estão "no Treino, na Dança, na Motricidade Infantil, na Ginástica, no Jogo Desportivo (próprio da recreação e do Lazer) no Desporto, no Circo, na Educação Especial, na Reabilitação e na Ergonomia". E também porque a Educação Física, no entender de Manuel Sérgio, é filha da concepção cartesiana de conhecimento - daí a "sua visão marcadamente anátomo-fisiológica" - concepção essa que, na visão dele, é disjuntiva e simplificadora e que deve ser superada pelo "paradigma holístico ou sistêmico, onde o movimento do Homem só tem sentido na análise do Homem em movimento." Ainda neste raciocínio, Manuel Sérgio acrescenta que "(...) a Ciência da Motricidade Humana aponta para o ser humano, na sua

*globalidade, e não só para o físico, pois que o movimento exige a participação de uma complexidade e não tão-só de uma das partes dessa complexidade.” (SÉRGIO, 1995, pp. 13 e 14)*

A definição que Manuel Sérgio faz de Motricidade Humana, em suas várias obras, é construída a partir de sua concepção de Homem. Em vários momentos, ele muda a definição de Motricidade Humana e também do que seria o seu objeto de estudo - o que é melhor trabalhado por CALEGARI SANTOS (1997) - mas sem mudar o sentido geral de sua teoria e sem perder de vista a concepção de Homem norteadora do seu estudo, muito fundamentada em MERLEAU-PONTY, que o entende como um *“ser-no-mundo, incompleto e em busca de transcendência”*.

Manuel Sérgio entende a totalidade humana como *“Corpo-Alma-Natureza-Sociedade”* e que é estupidez *“roubar ao Homem a sua raiz natural, mas tudo nele tem um sinal e uma significação, que excedem a Natureza. Tem a assinatura de um ser que persegue a transcendência...”* (SÉRGIO, 1995 p.23).

Nesta perspectiva, é possível inferir que este filósofo pressupõe a existência de uma base natural/biológica no ser humano, que é superada na busca pela transcendência. Tal raciocínio talvez seja um dos motivos da sua tese ter uma aceitação (quando aceita) tão controversa e sincrética por parte da Educação Física brasileira, especialmente na FEF/Unicamp, pois permite a sua associação com práticas pedagógicas (no caso da Educação Motora) fundamentadas na Psicomotricidade e no Desenvolvimentismo, visto que estas últimas admitem a necessidade de pré-existir um *suporte* biológico antes da produção cultural.

## V) Manuel Sérgio: Eclético ou Sincretico?

Gostaria de chamar atenção para o significado das palavras “ecletismo” e “sincretismo” para, a partir delas, tecer algumas considerações sobre Manuel Sérgio.

***Ecletismo** (fr. *éclectisme*, do gr. *éklektikós*, de *eklegein*: escolher): Método filosófico que consiste em retirar dos diferentes sistemas de pensamento certos elementos ou teses para fundi-los num novo sistema. Também é uma escola de filosofia, cujo principal representante é Vitor Cousin (1792-1867), que procura construir uma doutrina escolhendo em outros sistemas as teses que lhe parecem verdadeiras. “O ecletismo é um método histórico que se supõe uma filosofia avançada capaz de discernir o que há de verdadeiro e o que há de falso nas diversas doutrinas, e, após tê-las extraído e depurado pela análise e pela dialética, de dar a todas uma parte legítima numa doutrina melhor e mais ampla”.*

***Sincretismo** (fr. *synchrétisme*, do lat. *syncretismus*, do gr. *synkretismos*: união dos cretenses). Na história da filosofia, o sincretismo designa a tendência dos filósofos neoplatônicos a uma certa unificação arbitrária das mais variadas doutrinas que os precederam. Contrariamente ao ecletismo, o sincretismo, constitui uma tendência para fundir todas as anteriores. Hoje em dia, o termo adquire um sentido pejorativo, pois designa uma miscelânea das mais disparatadas idéias.*

(JAPIASSU, Hilton & MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Jorge Zoar Editor, 1998).

O filósofo e professor português Manuel Sérgio Vieira e Cunha, ao fundamentar a sua teoria, lança mão de diversas referências – fato que pode sugerir o ecletismo filosófico. Por falta de um conhecimento mais aprofundado dos autores que Manuel Sérgio usa para fundamentar a Teoria da Ciência da Motricidade Humana, não posso afirmar se este ecletismo filosófico pode ser encarado com o sentido, vindo do senso comum, de que ser eclético é gostar de tudo um pouco, não importando se isto significa

lançar mão de propostas essencialmente antagônicas o que, na realidade, poderia ser chamado de *sincretismo* no sentido atual se referindo a uma união de idéias (ou parte de idéias) de forma fragmentada.

Para tentar entender melhor o que é o ecletismo no contexto brasileiro e posteriormente fazer relações e reflexões com um possível ecletismo deste filósofo português, utilizei-me dos seguintes trabalhos: a) GOMES (1986) que trata da construção de uma razão tupiniquim fundamentada numa "*filosofia de terno e gravata*", que seria uma filosofia imposta aos brasileiros no decorrer de seu processo histórico; b) CALEGARI SANTOS (1997) que, em seu trabalho de conclusão de curso de graduação, percorre todo o desenvolvimento do pensamento de Manuel Sérgio procurando entender como este filósofo lidou com todos os autores que influenciaram a fundamentação de sua teoria; c) um texto base para defesa de dissertação de mestrado de Marcelo F. de ALMEIDA (2001), sob o título "*Presença do Ecletismo no Brasil - A Revista O progresso e o Cousin Fusco*", que faz uma análise de como a doutrina eclética (*surgida* nas primeiras décadas do século XIX) assume um caráter de doutrina oficial na Monarquia Constitucional de Luiz Felipe (França), vindo ao encontro dos interesses da então nova classe em ascensão - a burguesia - e da influência que o ecletismo exerceu sobre elite brasileira deste período histórico.

Segundo GOMES, o Brasil não terá uma razão própria enquanto não romper com o seu passado, pois a filosofia nasce da tragédia, do caos, "*da tentativa de enxergar um palmo diante do nariz*", ou seja, da tentativa de reconhecer seus problemas mais imediatos, e não de incorporar os problemas dos outros - no caso a Europa - como seus. Para este autor, "*a Filosofia não pode prescindir de sua missão primeira: destruir o mundo*", isto é, duvidar, colocar em cheque uma estrutura, uma ordem vigente.

No decorrer deste trabalho, este mesmo autor vai tecendo considerações e reflexões sobre a existência ou não de um pensamento brasileiro e de como ecletismo e positivismo contribuíram para isso. Dedicou o capítulo Ecletismo - o mito da imparcialidade para falar do ecletismo no Brasil (da década de 30 a 70 do século XIX), que se configurou numa "*ideologia da conciliação*", pois foi encaixado no pensamento das

elites dominantes da época que acreditavam (ou queriam fazer acreditar) que a *verdade* poderia ser um mosaico montado a partir de diversos pensadores, e também na idéia de que desta forma os brasileiros estariam mostrando seu “*espírito aberto*”, não dogmático, conciliador de divergências.

Neste momento, o pensamento de GOMES pode ser aproximado, de certa forma, com o de ALMEIDA pois este, ao fazer um resgate histórico do ecletismo francês, mostra que após um período de conturbação política e violência (Revolução Francesa), a classe dominante – burguesia – busca uma doutrina “*que pudesse se opor a qualquer ideário mais radical. O momento agora era de ‘liberdade, harmonia e conciliação’*” em nome do progresso. Progresso este que no caso da França, além do desenvolvimento e sedimentação do novo sistema de poder, significava a manutenção da visão de mundo da burguesia e para isso “*nada melhor que uma doutrina que visasse justamente conciliar, harmonizar, o que haveria de ‘bom e correto’ nos variados ‘sistemas filosóficos’, fato este que explicará o porquê do ecletismo acabar tornando-se uma ‘doutrina oficial’ do Estado francês*”. No caso brasileiro contribuiu, “*guardadas as devidas e importantes especificidades*”, “*para a conciliação de situações e interesses muitas vezes opostos, como por exemplo, na própria estrutura e organização social da sociedade brasileira oitocentista – do trabalho escravo e do liberalismo*”.

Porém, GOMES chama atenção para o fato de que o ecletismo, sozinho num primeiro momento e depois aliado ao positivismo (segundo este autor, ecletismo e positivismo se complementaram, no Brasil, pois o último desdobra um elemento do primeiro que é uma “*razão afirmativa, a razão que diz sim à reprodução da hegemonia das classes dominantes*”), no processo de organização social brasileiro, impediu a construção de um pensamento brasileiro. Assim sendo, nós (os brasileiros) *aprendemos* a assimilar determinado conhecimento vindo “*de fora*”, sem uma crítica, sem uma reflexão para a possível construção de um pensamento nosso. Ou seja, construímos uma “*filosofia asséptica, refinada, de bom gosto e ornamental*”, que “*é na verdade a ‘voz do dono’*. Não se compromete, nem suja as mãos. Dedicase de preferência ao puro jogo formal que a ninguém incomoda ou contamina”. Neste sentido, o ecletismo no Brasil, para GOMES, foi uma

*adaptação* do ecletismo de COUSIN aos interesses de grupos que se sucederam no poder naquela época e que vêm influenciando todo o “*pensamento e identidade do brasileiro*”.

Partindo do entendimento de que na França, como também no Brasil, o ecletismo veio responder às necessidades de um grupo hegemônico (burguesia francesa e a elite imperial brasileira, respectivamente), posso inferir que Manuel Sérgio utiliza o ecletismo para atender a algo que para ele soa como necessário, qual seja a necessidade de construção de uma teoria que desse conta de transformar a Educação Física em ciência (uma “*ciência do Homem*”), para assim justificar sua presença na Universidade.

Nesta perspectiva, o ecletismo de Manuel Sérgio, se é que se pode classificar assim, seria o ecletismo *original* de COUSIN, pois procura separar o que há de *falso* do que há de *verdadeiro* nas diversas doutrinas e, depois de tê-las *filtrado*, construir uma nova teoria que superasse todas as outras teorias da área.

Mas encontrei no trabalho de CALEGARI SANTOS o que pode ser considerado uma crítica ao suposto sincretismo de Manuel Sérgio (chamo a atenção para o fato de o autor não se referir ao sincretismo em momento algum do seu trabalho), porque depois de analisar a obra de Manuel Sérgio referente à Teoria da Ciência da Motricidade Humana, ele levanta várias “*dúvidas/contradições*” na fundamentação desta teoria. E, dentre elas, destaco a que questiona se existe possibilidade de se conjugar dois autores (POPPER e KUHN) considerados pela discussão epistemológica atual como representantes legítimos de tendências opostas, para fundamentar a existência da Ciência da Motricidade Humana.

Além de POPPER e KUHN ele usa também ALTHUSSER (de filiação marxista), MERLEAU-PONTY (fenomenologia), além de se demonstrar radicalmente contra o referencial cartesiano-positivista e mesmo assim insistir numa separação entre Ciências Sociais e Humanas e as Ciências da Natureza - quando afirma ser a Ciência da Motricidade Humana uma “*ciência do Homem*” (Ciências Humanas, no entender deste filósofo português).

Separação esta que, para Boaventura de SOUSA SANTOS (uma constante influência na produção de Manuel Sérgio), não faz mais sentido, pois numa ciência pós-

moderna - e é nesta perspectiva que o filósofo português justifica a Teoria da Ciência da Motricidade Humana - não haveria mais distinção entre as mesmas. Para este último, o perfil de uma ciência emergente deverá ser balizado pelas seguintes hipóteses:

*“(...) primeiro, está deixando de fazer sentido a divisão entre ciências humanas e ciências naturais; segundo, a síntese que há que operar entre elas terá como pólo catalisador às ciências sociais; terceiro, para isso, as ciências sociais terão de recusar todas as formas de positivismo lógico ou empírico ou de mecanicismo materialista ou idealista com a conseqüente revalorização do que se convencionou chamar de humanidades ou estudos humanos; quarto, esta síntese não visa uma ciência unificada nem sequer uma teoria geral, mas tão-só um conjunto de galerias temáticas onde convergem linhas de água que até agora concebemos como objetos teóricos estanques; quinto, à medida que se der esta síntese, a distinção hierárquica entre conhecimento científico e conhecimento vulgar tenderá a desaparecer e a prática será o fazer e o dizer da filosofia da prática”.* (SOUSA SANTOS, 2001, p.09)

Assim, Manuel Sérgio *mistura* ecleticamente, no meu entender, vários referenciais - muitos deles antagônicos - para justificar sua teoria, mas não deixa claro o que considerou (parafraseando Cousin) *falso* ou *verdadeiro* nestes referenciais e o que extraiu de cada um deles para a construção da Teoria da Ciência da Motricidade Humana.

Como disse anteriormente, não possuo o embasamento necessário para afirmar se Manuel Sérgio é ou não sincrético. Porém, gostaria de chamar atenção para o fato de este filósofo português construir sua Teoria com base em diversos autores de filiação epistemológica diferentes dificultou muito a compreensão e a apreensão, em especial, na FEF/Unicamp.

O autor da Teoria da Ciência da Motricidade Humana no prefácio da segunda edição de seu livro *“Para uma Epistemologia da Motricidade Humana”* justifica, além de outros fatores, que por estar sua Tese situada entre as Ciências Humanas ela precisa buscar a totalidade o que não seria conseguido se a mesma se restringisse a poucos autores:

*“Anexar uma ciência ao império de alguns autores é um reducionismo em que não pretendo descambar. Bachelard, Althusser, Popper, Kuhn, Feyerabend e ainda Merleau-Ponty e Michel Foucault funcionam, aqui como homens (homens mais do que tudo) que nos ensinam a combinar, com maestria, no campo epistemológico, um ‘horizonte de interrogação, um horizonte de mobilidade e movência’ e ‘um horizonte de totalidade e abrangência’. Um ‘horizonte de interrogação’, para que a ciência da motricidade humana aprenda a perguntar pelas condições que, in concreto, a tornam um singular universal (uma teoria), ou que, in abstracto, a fazem um universal susceptível sempre de autonomizar-se (uma prática). Um ‘horizonte de mobilidade e movência’, em ordem à superação da parcelaridade, quando não da parcelaridade, das sistematizações particulares e partir em demanda das problemáticas onde o corte parece manifestar-se. Um ‘horizonte de totalidade e abrangência’ porque, sem a totalidade, tornam-se custosas a compreensão e a explicação nas ciências do homem”.* (SÉRGIO,1994,p.18).

Assim sendo, a questão aqui não é dizer se Manuel Sérgio é um filósofo eclético ou sincrético e sim se a apropriação de sua Teoria pelos profissionais de Educação Física tupiniquins ocorreu de forma sincrética (fragmentada, difusa) ou não.

## VI) A Motricidade Humana e a FEF/Unicamp

Como é possível observar em TAFFAREL (1993) e TOJAL (1994), a FEF foi criada na esteira do pensamento que imperou na criação da UNICAMP (criada em meados da década de 1960), qual seja o desenvolvimento científico-tecnológico brasileiro. *Nascida* em 1985, a FEF vem ao mundo num momento ímpar da História do Brasil (redemocratização após um longo período ditatorial), e também da própria história da Educação Física que, sem deixar de ser influenciada pelo clima democrático, buscava novos caminhos para sair da sua reconhecida crise de identidade, denunciada por MEDINA, em 1983, quando dizia que a *“Educação Física precisa entrar em crise urgentemente. Precisa questionar criticamente seus valores. Precisa ser capaz de justificar-se por si mesma”* (p.35).

Vale a pena dizer que o trabalho deste autor vai no sentido de justificar a **educação física** como campo de atuação profissional e não como área de conhecimento, ou seja, a *crise* se daria porque os profissionais de educação física não penetrariam em sua realidade de forma concreta se utilizando uma reflexão crítica. Desta forma, a **educação física** é entendida como um sinônimo de disciplina curricular ou ainda de atividade física, visto que a existência dos profissionais em questão só se justificaria, nesta perspectiva, pela sua *prática* (atuação profissional, exclusivamente). Porém, a instalação da **Educação Física** como área acadêmica, dá-se a partir de 1977 com a criação do primeiro curso de mestrado em Educação Física na Universidade de São Paulo.

A relação da história da **educação física** e história do Brasil é explicitada no trabalho de CASTELLANI FILHO (já em 1988) onde o autor mostra, entre muitos outros, o momento em que fica claro o papel da educação física – o de estar sempre a serviço de alguma Instituição<sup>4</sup>, no caso da Instituição Militar – quando logo depois do Ato

---

<sup>4</sup> É BRACHT (1989) que primeiro utiliza as expressões “Instituição Escola”, “Instituição Médica” “Instituição Militar” e “Instituição Esporte” referindo-se ao caráter hegemônico de determinada influência (da escola, da medicina, dos militares e do esporte) no decorrer da história da Educação Física brasileira. Porém, CASTELLANI FILHO neste trabalho de 1988 ainda não dispunha desta referência mas lança mão da mesma em seu texto “Pelos Meandros da Educação Física” de maio de 1993.

Institucional nº.5, de dezembro de 1968, para colocar a **educação física** no Ensino Superior foi promulgado o Decreto Lei nº.705/69 sendo que, pelo mesmo, cabia a esta *“colaborar, através de seu caráter lúdico esportivo, com o esvaziamento de qualquer tentativa de rearticulação política do movimento estudantil”* (p.121).

Neste contexto, mais uma vez a **educação física** não precisou se justificar: foi justificada na Universidade por força de um decreto. Ou seja, se a **educação física** sempre precisou de *muletas* para se sustentar dentro da sociedade brasileira, como sustentá-la sem as tais *muletas*, dentro de uma Universidade como a Unicamp, que é fundada na pesquisa de ponta, onde o que de mais avançado em ciência e tecnologia está presente? Isto se daria se a **educação física** se configurasse como área de conhecimento, tornando-se *Educação Física* (a Motricidade Humana de Manuel Sérgio e não Educação Motora segundo este mesmo filósofo) e para isso um dos caminhos a seguir era o da ciência, isto é, justificar a Educação Física como produtora de saber científico.

Essa escolha pelo *caminho científico* para justificar a **Educação Física** no cenário universitário já é identificada (BRACHT,1999) a partir da década de 1960 (principalmente depois da II Guerra Mundial). Passa a ganhar espaço na área *“um ‘teorizar’ cientificista”* e a discussão se a **Educação Física** deveria ser apenas disciplina curricular ou disciplina científica. Discussão essa que é *“levantada mais em função de uma pressão externa para que a Educação Física se legitimasse no campo científico, que tem nas universidades seu locus privilegiado”*. (BRACHT 1999, p.19).

A FEF buscou seu *“locus privilegiado”* na Unicamp através da Teoria da Ciência da Motricidade Humana, isto é, por essa teoria conseguiu justificar a presença de um curso de **Educação Física** dentro desta Universidade. Isto pode ser observado na fala de um docente entrevistado:

*“(…) Então, naquela época assim... ela (a teoria de Manuel Sérgio) foi fundamental e... o Tojal (então diretor da Faculdade) usa aquilo de uma maneira muito hábil naquela época pra defender ... a FEF na reitoria, (...), quer dizer então para configurar uma FEF nova, um currículo novo, com área, Bacharelado em Treinamento, em Lazer – que era uma coisa absolutamente nova e que até hoje tem pouco por aí. Então ele centrava fogo, (...), ele até citava*

*muito assim... que muita gente ficava chocada com isso, que ia ele para o CONSU pra falar sobre Educação Física e o pessoal achava que ele tava falando sobre medalhas olímpicas e ele dizia não tem nada a ver isso é uma outra coisa... E essa Motricidade serviu pra isso no início dos anos 90."*

(grifo meu)

Fala que vai no sentido de ratificar o que Manuel Sérgio diz em artigo publicado em 1996 que é um resumo de um dos trabalhos por ele apresentado para receber o título de livre-docente pela Universidade Técnica de Lisboa:

*"Seja como for, é bem evidente que a educação física é tão-só **uma tradição disciplinar**, não uma autonomia disciplinar. Como tradição disciplinar pode ser ensinada, mas sem autonomia disciplinar dificilmente se investiga e se constitui em comunidade científica. A educação física nunca precisou autolegitimar-se epistemologicamente, ou seja, encontrar em si as formas e as razões da sua própria cientificidade, precisamente porque o poder sempre se serviu dela e nunca a serviu como instrumento insubstituível de conhecimento e transformação".*

*Ora, chegou o momento de terminar, de vez, com a anarquia epistemológica vigente (...) e tentar o ato de legitimação epistemológica, não só por meio da ciência da motricidade humana ou da investigação nesta área do conhecimento, **mas do ensino da motricidade humana em versão universitária**.(...)."(SÉRGIO, 1996 p.48)".*

(grifo meu)

É importante ainda não perder de vista que a FEF/Unicamp foi criada na década de 1980, os chamados anos de *"transição para a democracia"*, onde os ventos de novos (e melhores) rumos sopravam fortes e cheios de esperança. Nesse contexto, a FEF aparece no cenário da Unicamp com a proposta de não ser mais um curso de **educação física**, e sim um curso diferente. Outro dado importante é que a FEF surge da ATREFE (Associação Técnica da Reitoria para Educação Física e Esportes), *"composta por um corpo técnico de professores que atendiam à demanda da Universidade frente à exigência legal de obrigatoriedade da disciplina"*, e que estes professores técnicos foram os responsáveis, em 1985, pelo oferecimento do curso de Educação Física com habilitações em Licenciatura em Educação Física e Bacharelado em Técnico em Desportos. (TAFFAREL, 1993, p. 128).

Nessa perspectiva, a alteração curricular iniciada em 1987 (somente dois anos depois da implantação do curso), veio no sentido de fazer ajustes na estrutura curricular, responder à Resolução 003/87 do MEC<sup>5</sup> (que coincide com a presença de Manuel Sérgio) e ainda continuar com a intenção de oferecimento de um curso diferenciado. Assim, todos estes fatores culminam, em 1990, na implantação do *currículo novo* baseado no PROJETO/FEF<sup>6</sup>.

Como o próprio filósofo português afirma em sua “Carta aberta aos Professores de Educação Física”, ele encontra na FEF – o que é reflexo da própria dinâmica da Unicamp – “um ardor de renovação e a proliferação de meios de interdisciplinaridade, indispensáveis à pesquisa, (...) empolguei-me com a excitante aventura de (...), desbravar terras virgens, o que equivale a se dizer: fundar a primeira Faculdade de Motricidade Humana do Brasil”. O que sugere um outro neocolonismo, pois é a partir do desbravamento português que como diz Manuel Sérgio:

*“paciente, tenaz e metodicamente, questionaremos a cientificidade da Educação Física tradicional, criaremos um novo objeto de estudo e o instrumental conceitual básico da ciência da motricidade humana. E sobretudo, ofereceremos (despidos de convenções e sem nos julgarmos os predestinados arautos da Verdade) algum conteúdo à luta dos profissionais brasileiros desta área do conhecimento contra o beira-nada (epistemológico e social) onde têm definhado.”*(SÉGIO,1991,p.65)

Porém, as tais *terras virgens* brasileiras parecem ter incorporado sua teoria de uma maneira um pouco *torta, sincrética* começando pelo nome da Instituição que continuou sendo “Faculdade de Educação Física”.

A FEF/Unicamp acaba incorporando a Teoria de Manuel Sérgio a conciliando/misturando os diversos entendimentos de Educação Física fato que pode

---

<sup>5</sup> Que é originária do parecer do Conselho Federal de Educação n. 215/87, aprovado em 11/03/1987 e trata da “reestruturação dos Cursos de Graduação em Educação Física” (TOJAL,1994). Esta Resolução garante aos cursos de graduação em Educação Física a possibilidade de oferecimento do Bacharelado e Licenciatura plena .

<sup>6</sup> Em julho de 1987, a pedido da direção da FEF e da Comissão de Ensino de Graduação, Manuel Sérgio entregou uma proposta denominada Projeto FEF/UNICAMP, que definia como objeto de estudo, tanto para a graduação como para a pós-graduação, a Motricidade Humana (TOJAL, op.cit, p.99) .

ser aproximado ao pensamento de GOMES (1986) no capítulo de seu livro (já citado) em que fala do ecletismo como brasileiro como uma *“ideologia da conciliação”*. Como visto no decorrer deste trabalho prefiro chamar este ecletismo (com tom pejorativo) de sincretismo; sendo assim, a FEF ao conciliar sincreticamente os vários entendimentos de Educação Física parece acreditar que a verdade - parafraseando GOMES - dentro da área pode ser um mosaico montado a partir destas diferentes e, muitas vezes, antagônicas compreensões de Educação Física.

## VII) O Sincretismo na FEF/UNICAMP

Pude observar, na análise dos dados coletados, que ao longo do tempo a Teoria da Ciência da Motricidade Humana foi sendo *esquecida* ou então que sua *essência* ficou *pairando* nas atividades desenvolvidas pela FEF/Unicamp. Além disso, a Teoria de Manuel Sérgio nunca esteve sozinha, isolada nos corredores desta mesma Faculdade visto que, no decorrer de seu processo de implantação (e depois dele) novos professores passaram a fazer parte do corpo docente somado ao fato de que mesmo os docentes da casa buscavam outras referências em mestrados e doutorados em diversas áreas externas à Educação Física principalmente, nas Ciências Humanas.

Durante a presença de Manuel Sérgio nesta Faculdade, tanto corpo docente quanto discente estavam envolvidos, de certa forma, nas discussões sobre a teoria e sua implantação como referencial teórico para o “*currículo novo*” mas, à medida que a presença de Manuel Sérgio foi ficando distante, sua teoria foi ganhando novos *contornos* dentro da FEF.

Vale lembrar que Manuel Sérgio é português (*européu*) e, além disso, um filósofo – o que carrega uma forte simbologia relacionada à sabedoria, ao saber acadêmico – fato que contribuiu muito para o encantamento e sedução exercidos sobre os corpos docente e discente em meados da década de 1980. O que pode ser observado nas falas dos estudantes que ingressaram na FEF/Unicamp nos anos de 1985 e 1988, respectivamente:

*“(...) eu acredito que houve, não sei se esta palavra é forte, uma sedução no Brasil pela teoria do Manuel Sérgio. Por quê? Porque eu acho que o grande valor da teoria dele foi tentar trazer pro âmbito Educação Física uma discussão mais humana de corpo, (...)”*

*(...) pelo pouco que a gente tinha noção parecia fantástico.*

*Agora, é claro que existia um afã na gente de defender qualquer coisa nesse sentido. A gente ia pros encontros de estudantes e a gente : “a gente tem o Manuel Sérgio!”, “a gente tem a Motricidade Humana lá!” e torcendo pra ninguém perguntar o que é, da mesma forma que a gente defendia o que*

*é licenciatura e o que é bacharelado. A gente defendia com unhas e dentes o bacharelado sem ter a menor noção do que era. Era uma postura bem bairrista mesmo: "eu sou da FEF, tem bacharelado, então é bom, então é isso aí!..."*  
(grifo meu).

Quando Manuel Sérgio se afasta da FEF, a sua teoria vai ficando órfã, pois seus pais adotivos – na grande maioria professores do Departamento de Educação Motora – não deram conta de fazê-la tornar-se parte da Faculdade.

O código *MH*, como disse um professor entrevistado, foi à oficialização da Teoria da Motricidade Humana dentro da FEF, mas tal oficialização aconteceu *meio por decreto*, quer dizer, ela foi formalizada/burocratizada e não incorporada de forma orgânica e sintética.

Apesar de sua aprovação por consenso na Congregação desta Faculdade, as discussões realizadas anteriormente não envolveram todo o corpo docente o que se deveu a vários motivos, sendo dois deles apresentados na fala desse mesmo docente do Departamento de Educação Motora:

*"1º. Motivo: falta de conhecimento de uma série de professores, por exemplo, inclusive falta de conhecimento até para criticá-lo de uma forma mais adequada;*

*2º. Motivo: é... porque ela aparece meio por decreto, só para você ter uma idéia, quando o currículo foi alterado no final da década de 1980, início da década de 1990, em função inclusive da necessidade de se alterar pela 003/87, nós aqui formalmente tiramos as siglas que antes eram 'EF qualquer coisa' para 'MH qualquer coisa' e esse MH no código foi a forma de se colocar que aqui agora se estava defendendo a Motricidade Humana enquanto área de formação de profissionais de Educação Física. Foi uma forma de oficializar formalmente a tal Motricidade Humana, agora se na forma isso foi feito na discussão e na reflexão acadêmica isso ainda não foi feito de uma forma muito consciente. Alguns professores, vamos dizer assim, compraram, entre aspas, a idéia e foram desenvolvendo a idéia e hoje a idéia está muito mais consistente do que na época, do que o pensamento do próprio Manuel Sérgio hoje, outros professores relutaram quanto à idéia em princípio, enfim, não houve a implantação..."*

Este mesmo professor mais adiante em seu depoimento continua falando da implantação da Teoria da Ciência da Motricidade Humana no sentido de que esta coexistiu (e coexiste ainda hoje) com “várias teorias” dentro da FEF:

*Se me perguntar assim: bom, nesses 12/13 anos houve a implantação? Houve algumas experiências em relação à teoria, não necessariamente a implantação da teoria. Acho que isso é bom, eu não acho isso ruim, porque os professores, por exemplo, do departamento de Educação Motora, nesses 13 anos produziram muitos escritos, e muito material sobre Motricidade Humana, sobre Educação Motora que é o ramo pedagógico da Motricidade por definição, então houve muita produção nisso. Mas eu não posso dizer que a Unicamp é hoje um curso, uma faculdade que advoga a Teoria da Motricidade Humana, há várias teorias defendidas aqui dentro, né?(...)”*  
(grifos meus)

No meu entender, esta coexistência de diversas teorias – coexistência muitas vezes fragmentada – somada a uma instalação formal da Teoria do filósofo português em questão, contribuiu para sua incorporação um pouco “torta”. Esta formalização pode ser aproximada ao depoimento de outra professora, Departamento de Estudos do Lazer:

*“(...) Não é possível você levar uma idéia de proposta baseada numa reflexão teórica – no caso que era sobre a Motricidade Humana enquanto expressão de uma corporeidade e não enquanto uma expressão mecânica de movimento de um corpo inerte era mais ou menos essa a idéia – se não há um grupo de pessoas sintonizadas com a proposta. Acontece que aqui dentro da FEF/UNICAMP nunca teve uma sintonia de todos com esta proposta. Então, é muito difícil você pensar na implementação de uma proposta onde não tem a sintonia, que as pessoas não estão nem entendendo o que é Motricidade Humana e toda a reflexão que vinha por trás disso, que não era nada muito transformador não, entendeu? Mas, era importante porque puxava, buscava um entendimento da questão via Filosofia, que eu acho que isso era um aspecto importante. Só que pra você buscar o entendimento de uma questão via Filosofia você precisa estudar Filosofia que está por trás, que embasa, que está embasando, sustentando esta proposta. Se as pessoas não entendem o que está por trás dela não adianta colocar*

*termos, nomenclaturas, entendeu? Porque não é isso que vai mudar, o que muda são comportamentos. Comportamentos mudam as coisas. Comportamentos, lógico, relacionados a idéias. Só que idéias subsistem através de reflexões e se você não sabe o que é (...) a reflexão ou a idéia que embasa o comportamento você fica perdido."*

(grifos meus)

Desta forma, a Teoria da Ciência da Motricidade Humana foi implantada, como matriz teórica da FEF/Unicamp, sem um consenso orgânico e sem - o que é mais sério - uma compreensão da mesma. Fatos que se refletiram no corpo discente que recebeu, quando recebeu, informações imprecisas sobre a teoria, pois mesmo que os estudantes procurem embasamento teórico fora da sala de aula, não é possível negar a responsabilidade dos docentes em dar subsídios para uma reflexão crítica e aprofundada.

Assim sendo, é pertinente atentar para as falas dos discentes ingressados nos seguintes anos:

1985

*"(...) Acho que até hoje em dia na FEF os próprios docentes que atuam lá já... não discutem mais a Motricidade Humana a fundo ou não têm um posicionamento claro a respeito disso, (...) então, tem as MH(s) e tá bom e o que esta sigla quer dizer? Teve um momento histórico em que estas siglas apareceram e agora isso ainda é discutido? Você que tá agora passando pela Faculdade houve uma discussão aprofundada sobre o sentido da Motricidade Humana, porquê MH? Parece que é uma coisa que caiu no vazio, dentro de um esquecimento (...)"*

(grifos meus)

1988

*"(...) Eu diria o seguinte: o curso todo não favorecia que a gente, pelos menos a minha turma (88), não permitiu que a gente soubesse o que era, a gente sabia que existia.*

*Bom, é claro que o Tojal tendo este interesse ele incentivou para que a Faculdade tentasse caminhar nesse sentido. Eu diria que outras pessoas compraram a briga conscientes, ou*

*minimamente conscientes, e algumas outras compararam por comprar e outras eram  
contra ou simplesmente deixaram o barco correr.*

*Quando houve a reformulação em 1990 o grande problema é que você mudou a ementa, você mudou o nome das disciplinas e os professores não mudaram. Você não se transforma do dia pra noite. Se você é professor da disciplina 'X' e ela passa a ser um 'Y' você continua dando X.(...)  
(...) O problema é que talvez, talvez, tenha sido forçado aos outros docentes que não conheciam as propostas ou simplesmente não tinham interesse em conhecê-las. Acabou-se forçando a aceitação disso e essa aceitação resulta no fato que eu comentei: tudo bem mudou o nome, mudou a ementa, mas, eu faço o que eu quero. Quem vai fiscalizar isso? Os alunos? O corpo docente? É muito complicado isso, né?"*  
(grifos meus)

1991

*"(...) Com relação à Teoria da Motricidade Humana do Manuel Sérgio, o que eu percebi na época da minha graduação é que se falava bastante desta teoria, no entanto, o que a gente percebia, ou que pelo menos eu percebia, é que era algo assim distante, (...) E não tinham... não me lembro de ter tido aplicação... acho que só... eu não posso dizer que algum professor procurou trabalhar alguns conteúdos da Educação Física na abordagem desta teoria, eu não lembro disso. Me lembro que o Manuel Sérgio foi na FEF, deu palestra pra gente. Mas não me recordo dos professores fazendo a tal da, se é que isso existe, teoria e prática... não lembro disso (...)."*   
(grifos meus)

1992

*"(...) que eu me lembre trabalhei pouco isso em aula. Eu vim realmente a trabalhar isso na minha monografia de bacharelado, porque meu orientador indicou para eu estar lendo isso, então eu fui buscar, fui ler o que era Motricidade Humana, essas coisas assim (...)*

*Na Faculdade que eu me lembre é isso: de ter mudado a sigla, das pessoas comentarem alguma coisa, nos anos que eu tava na graduação acho que o Manuel Sérgio teve por aqui. Então,*

*ouviam-se coisas e nada de elucidador, entendeu? Ninguém vinha e: 'não é isso, é aquilo'...  
pelo menos com a minha turma (...)."*

*(grifos meus)*

Deste modo, se pelo menos para os docentes entrevistados a teoria de Manuel Sérgio não ficou completamente esclarecida, *os discentes só ouviram falar dela*. E com relação aos discentes que ainda estão na graduação isto é mais evidenciado, visto que apenas 42,2%, dos alcançados pelo questionário respondeu que saberia definir, com suas próprias palavras, o que o seria a Teoria da Motricidade Humana. E que 52,3% destes mesmos discentes, não respondeu a última questão do questionário que perguntava a que (quais) estudioso(s), a matriz teórica da FEF se referia.

Nesta perspectiva, a FEF – que no seu dia-a-dia não mantém contato exclusivo (isolado) com a Teoria da *Ciência* da Motricidade Humana – apropriou-se da mesma de forma sincrética, pois as outras correntes/concepções/visões/teorias (todas estas palavras são usadas, na maioria das vezes, como sinônimos) são *misturadas* arbitrariamente com a teoria de Manuel Sérgio, e o mais grave: sem, muitas vezes, isto estar claro para o corpo discente.

Assim sendo, é comum encontrarmos nesta Faculdade, por exemplo, o entendimento da Educação Física (tendo esta como conteúdos o Jogo, a Dança, o Esporte, a Ginástica e a Luta) como parte da Cultura Corporal atrelado ao entendimento de Manuel Sérgio, ou seja, a Educação Física como “ramo pedagógico da Motricidade Humana” (sendo então denominada Educação Motora), o que pode ser observado na fala de um discente que ingressou em 1995:

*“(...) Na minha formação esta teoria (a teoria da Motricidade Humana) contribuiu porque você entra com uma visão da Educação Física esportivizada. E logo no início foi quebrada esta visão: olha, existe outra forma de se enxergar a Educação Física, de trabalhar a o campo de ação da Educação Física. Foi fundamental porque eu passei a enxergar o campo de ação da Educação Física por um outro viés pela questão assim... eu não estou trabalhando com máquinas ou com uma coisa estereotipada, vou trabalhar sim, é claro que eu vou ter estereótipos de corpos,*

*de beleza, de... de todos estes símbolos que a sociedade moderna traz. Mas o meu objetivo é estar promovendo a reflexão sobre todo este campo: o esporte, a ginástica, o jogo e a dança.”*

(grifo meu)

Esta *mistura* acontece também, e às vezes até o emprego como sinônimos, no que se refere a conceitos como Cultura Corporal (COLETIVO DE AUTORES,1992), Cultura Corporal de Movimento (BRACHT,1999), Cultura de Movimento (KUNZ,1994) e a própria Motricidade Humana. Este sincretismo vem na esteira de um pensamento de superação da teoria de Manuel Sérgio muito presente nas falas dos professores entrevistados. Mas, superar algo é misturá-lo, arbitrariamente, com perspectivas diferentes (e até antagônicas) e apresentar o resultado sem, minimamente, esclarecer de onde ele *surgiu*?

O que se pode perceber é uma grande *confusão* entre o que é e qual é a matriz teórica - no caso da FEF/Unicamp a Motricidade Humana, pelo menos no currículo vigente - e as diversas teorias pedagógicas da Educação Física. Ou seja, ainda hoje nesta Faculdade há o entendimento de que Ciência da Motricidade Humana é sinônimo de Educação Física, nem tanto entre os docentes, mas, o corpo discente não consegue ainda, muitas vezes, apreender isso de seus professores. Esta *confusão* tem como pano de fundo, entre outros fatores, o questionamento se Educação Física é ou deve ser ou não ciência tão bem tratado por BRACHT (1999).

Assim sendo, acredito ser o momento de a FEF (discentes e docentes) repensar-se. Repensar sua matriz teórica, repensar seu currículo, repensar seu projeto político-pedagógico, enfim, repensar-se enquanto Instituição responsável pela formação de profissionais que atuarão em diversos setores da sociedade.

Repensar-se no sentido de refletir-se, de voltar atrás e botar reparo na sua história e seus posicionamentos. Nesse sentido a FEF precisa tomar uma atitude filosófica e “destruir o mundo” (GOMES) enfrentando a sua realidade sincrética, visto que, como afirma SAVIANI (1991):

*“(...) o afrontamento, pelo homem, dos problemas que a realidade apresenta, eis aí, o que é filosofia. Isto significa então, que a filosofia não se caracteriza por um conteúdo específico, mas ela, e, fundamentalmente uma atitude; uma atitude que o homem toma perante a realidade. Ao desafio da realidade, representado pelo problema, o homem responde com a reflexão.” (p.23)*

Assim, posso ir ao encontro de CHAUI (1995) que diz que a atitude filosófica tem por princípio o ato de indagar. Primeiro tomando distância do cotidiano e de si mesmo e depois perguntar o que *“são as crenças que alimentam, silenciosamente, nossa existência”*. Desta forma, a FEF/Unicamp e seus personagens devem indagar-se sobre o que está os alimentando silenciosamente nesses dezesseis anos.

## VIII) Anexo I

O presente anexo se refere aos instrumentos utilizados na investigação empírica no decorrer deste trabalho.

A entrevista oral livre foi utilizada tanto para docentes como para discentes já egressos da graduação. O primeiro grupo foi dividido em **professores que participaram do processo** de implantação da Motricidade Humana como referencial teórico desta Faculdade (estavam na Unicamp nos anos de 1985 a 1990 e ainda compõe o corpo docente da FEF) e **professores que não participaram deste mesmo processo**. Já o segundo grupo é composto por estudantes que fizeram o curso entre os anos de 1990 e 1996, visto que é neste período que a nova matriz teórica se estabelece no currículo desta Instituição. Estas primeiras turmas “*pós-MH*” são importantes para a legitimação ou não desta nova matriz. Porém, tive oportunidade de entrevistar egressos de anos anteriores (1985 e 1988), o que permitiu uma visão mais ampla do processo histórico em questão.

O questionário fechado foi aplicado aos discentes egressos que estiveram pela FEF nos anos de 1996 a 1999 – sexto, quinto, quarto, terceiro anos – para garantir que os estudantes tivessem o mínimo conhecimento para poderem ou não reconhecer a importância da Teoria da Ciência da Motricidade Humana no contexto desta Faculdade.

### VIII.1.A: ROTEIRO PARA A ENTREVISTA ORAL

#### **A.1. CORPO DOCENTE**

##### **PROFESSOR QUE PARTICIPOU DO PROCESSO**

- 1) ANO EM QUE COMEÇOU A ATUAR COM DOCENTE NA FEF/UNICAMP
- 2) DEFINIÇÃO (DO PROFESSOR) DA TEORIA CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA
- 3) A ANÁLISE QUE O PROFESSOR FAZ DA TEORIA CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA, PASSADOS POUCO MAIS DE DEZ ANOS DE SUA IMPLANTAÇÃO AQUI NA FEF/UNICAMP, EM RELAÇÃO AO TRABALHO DOCENTE COM A GRADUAÇÃO.

- 4) O ENTENDIMENTO DO PROFESSOR SOBRE A TEORIA CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA MUDOU NESTES ANOS?
- 5) COMO O PROFESSOR TRABALHA COM ESTA MATRIZ TEÓRICA NAS SUAS AULAS DE GRADUAÇÃO?
- 6) HÁ A IDENTIFICAÇÃO DE ALGUM ESPAÇO PARA REFLEXÃO SOBRE A TEORIA CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA AQUI NA FEF/UNICAMP?

#### **PROFESSOR QUE NÃO PARTICIPOU DO PROCESSO**

- 1) ANO EM QUE COMEÇOU A ATUAR COMO DOCENTE NA FEF/UNICAMP
- 2) DEFINIÇÃO (DO PROFESSOR) DA TEORIA DA CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA
- 3) COMO O PROFESSOR TRABALHA ESTA TEORIA EM SALA DE AULA NAS AULAS DE GRADUAÇÃO?
- 4) HÁ A IDENTIFICAÇÃO DE ALGUM ESPAÇO PARA REFLEXÃO SOBRE A TEORIA CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA AQUI NA FEF/UNICAMP?

#### **A .2 . CORPO DISCENTE (EGRESSOS DA GRADUAÇÃO)**

- 1) ANO DE INGRESSO NA FEF/UNICAMP
- 2) DEFINIÇÃO (DO EGRESSO) DA TEORIA DA CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA
- 3) O SIGNIFICADO DESTA TEORIA PARA O EGRESSO ENQUANTO GRADUANDO E NO CONTEXTO ATUAL
- 4) COMO FOI A PARTICIPAÇÃO DISCENTE NO PERÍODO DE IMPLANTAÇÃO DA TEORIA CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA?
- 5) COMO OS PROFESSORES TRABALHAVAM COM A TEORIA DA CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA EM SALA DE AULA?
- 6) EGRESSO IDENTIFICA ALGUMA CONTRIBUIÇÃO DESTA TEORIA PARA SUA FORMAÇÃO PROFISSIONAL?

### **VIII. 1. B. QUESTIONÁRIO FECHADO PARA OS DISCENTES ATUAIS**

1) DIGA QUAL O SEU ANO DE INGRESSO NA FEF/UNICAMP E O PERÍODO QUE SE ENCONTRA:

ANO DE INGRESSO -

PERÍODO -

2) VOCÊ SABE DEFINIR, COM AS SUAS PALAVRAS, O QUE É TEORIA DA CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA?

SIM

NÃO

**ATENÇÃO: VOCÊ PODE ASSINALAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA**

3) VOCÊ CONSIDERA QUE A TEORIA DA CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA PARA A SUA FORMAÇÃO PROFISSIONAL É:

IMPORTANTE

MUITO IMPORTANTE

POUCO IMPORTANTE

SEM IMPORTÂNCIA

INDIFERENTE

4) QUANTOS PROFESSORES, DOS QUAIS VOCÊ JÁ TEVE AULA, TRABALHAM DE ALGUMA FORMA A TEORIA DA CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA?

TODOS

A MAIORIA DELES

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO OU MAIS

NENHUM

5) PROFESSORES, EM SALA DE AULA

CITAM A TEORIA DA CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA

CONCEITUAM ESTA TEORIA

A SISTEMATIZAM HISTORICAMENTE NO CONTEXTO DAS OUTRAS TEORIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A SITUAM NO CONTEXTO HISTÓRICO DA FEF/UNICAMP

TODAS AS ALTERNATIVAS ANTERIORES

) NENHUMA DAS ALTERNATIVAS ANTERIORES

6) HÁ ESPAÇO PARA DISCUSSÃO E REFLEXÃO DESTA TEORIA EM SALA DE AULA E FORA DELA?

) NÃO

) SÓ EM SALA DE AULA

) SÓ FORA DE SALA DE AULA

) EM AMBOS

7) SE EXISTE ESTE ESPAÇO FORA DA SALA DE AULA, A PARTICIPAÇÃO DISCENTE É:

) EFETIVA

) AUSENTE

) DEFICIENTE

8) ESTA PARTICIPAÇÃO:

) É INCENTIVADA PELA FACULDADE

) NÃO É INCENTIVADA PELA FACULDADE

9) A MATRIZ TEÓRICA DA MOTRICIDADE HUMANA ADOTADA POR ESTA FACULDADE ATRIBUI SEUS ESTUDOS A QUAL (OU QUAIS) ESTUDIOSO(S)?

## IX) Anexo II

### IX.1. ENTREVISTAS : CORPO DOCENTE

Este anexo refere-se aos dados coletados com a entrevista-oral e com o questionário fechado respectivamente.

#### **A - DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MOTORA (DEM)**

- 1) NÃO PARTICIPOU DO PROCESSO: NA ÉPOCA ESTAVA NO EXTERIOR
- 2) ANO DE INGRESSO: 1987

É... eu diria que Motricidade Humana seria a ciência do movimento numa determinada contextualização vislumbrando um homem ... transcendente e completo. De forma bem sucinta seria isso.

Eu acho que no interior provavelmente do meu departamento, departamento de Educação Motora, é... eu acho que essas discussões a respeito da Motricidade Humana aconteceram mais até por conta da definição de Educação Motora dentro da Motricidade.

A gente teve já alguns momentos de discussão, mas eu poderia te dizer que não é nada muito... (sic) isto não está sistematizado, tentamos sistematizar isso várias vezes e isso nunca aconteceu. Mas, como dentro do departamento há várias pessoas que chamaram um pouco para si o desenvolvimento da Teoria da Motricidade Humana aqui no Brasil provavelmente seja - eu não digo o único departamento porque eu não participo das reuniões dos outros departamentos (sic) - mas eu acho que é o departamento que mais discutiu essa questão.

É, nas minhas disciplinas de início eu procuro abordar as diversas áreas, né, da Motricidade Humana: a Educação Motora, a Ciência do Esporte, a Educação Física Adaptada e o Lazer. Agora, como eu não trabalho com ela teoricamente não entro em detalhes sobre a Teoria da Motricidade mesmo porque tem outras disciplinas que deveriam tratar disso.

Eu diria que são poucos os docentes na FEF, lógico que isso depois se reflete na formação profissional, que incorporaram a idéia da Motricidade Humana. Talvez muito superficialmente achando, procurando fazer ganchos com a Ciência da Motricidade Humana, mas, eu acho que foi a esta denominação e algumas disciplinas, que talvez estejam mais voltadas para este código epistemológico aí. Eu diria que a influência na formação dos nossos alunos é pequena. Diria que nós temos uma concepção... a FEF tem uma concepção de Educação Física e de Esporte que se reflete nas pedagogias do movimento, nas pedagogias do esporte, tal. Agora eu não poderia dizer que isto é em função de uma reflexão teórica sobre a Teoria da Motricidade Humana.

E se os professores não fomentam esta discussão da Motricidade Humana também para os alunos. Eu acho que tem muitos que não sabem o que é "MH" na frente das disciplinas provavelmente, eu acho.

## 2) PARTICIPOU DO PROCESSO

ANO DE INGRESSO: 1979

Bom, o que seria Motricidade Humana. Se você, no existencialismo fenomenológico, a Motricidade vai ser definida como uma série de atitudes existenciais que demandam movimento e que fazem parte da vida do ser humano. Agora se você pegar isso traduzido para a área de Educação Física historicamente, e aí com contribuição de Manuel Sérgio, a Motricidade Humana - aí você já vê uma diferença: no existencialismo fenomenológico eu falei MOTRICIDADE na Educação Física e através do Manuel Sérgio o termo é Motricidade Humana - a Motricidade Humana é entendida como uma possível área de conhecimento científico e enquanto área de conhecimento científico ela deverá estudar esse Homem que se movimenta com sua intencionalidade sempre na perspectiva da sua auto-superação. Essa é a definição trazida por Manuel Sérgio e a partir disso vai se tentar fazer a possibilidade da instalação dessa área de conhecimento.

Isso veio para a Educação Física no Brasil através da Unicamp em 1987, 1988, quando o Manuel Sérgio foi professor convidado aqui então. A FEF que tinha sido recém-criada - foi criada em 1985 - convida o professor Manuel Sérgio para vir para cá e se estabelece isso enquanto um padrão de procedimento. Estabelece-se um procedimento, mas nunca houve um consenso nesse procedimento porque de todos os professores que aqui estavam só alguns chegaram a ler a proposta do professor Manuel Sérgio e começaram a defendê-la, outros não, só a defendê-la como hoje já superaram essa idéia inicial e outros que até hoje nunca leram a proposta de Manuel Sérgio e às vezes fazem sérias críticas por desconhecimento da proposta. Enfim, isso é a história, este é o conceito, conceito esse que hoje também se vê que Manuel Sérgio retira com certos arranhões do existencialismo fenomenológico, inclusive quando ele associa a idéia de Motricidade ao Humano, porque na idéia original Motricidade já é Humana, então você falar em Motricidade Humana seria a mesma coisa que você falar em subir para cima, descer para baixo. Uma teoria se implanta não é por decreto, uma teoria se implanta por atitudes que você possa tentar ter em relação a ela. Eu diria que essa teoria não se implantou ainda na Unicamp por alguns motivos:

•1º. Motivo: falta de conhecimento de uma série de professores, por exemplo, inclusive falta de conhecimento até para criticá-lo de uma forma mais adequada;

•2º. Motivo: porque ela aparece meio por decreto, só para você ter uma idéia, quando o currículo foi alterado no final da década de 1980, início da década de 1990, em função inclusive da necessidade de se alterar pela 003/87, nós aqui formalmente tiramos as siglas que antes eram "EF qualquer coisa" para "MH qualquer coisa" e esse MH no código foi a forma de se colocar que aqui agora se estava defendendo a Motricidade Humana enquanto área de formação de profissionais de Educação Física. Foi uma forma de oficializar formalmente a tal Motricidade Humana, agora se na forma isso foi feito na

discussão e na reflexão acadêmica isso ainda não foi feito de uma forma muito consciente. Alguns professores, nós podemos dizer, compraram, entre aspas, a idéia e foram desenvolvendo a idéia e hoje a idéia está muito mais consistente do que na época, do que o pensamento do próprio Manuel Sérgio hoje, outros professores relutaram quanto à idéia em princípio, enfim, não houve a implantação. Se me perguntar assim: bom, nesses 12/13 anos houve a implantação? Houve algumas experiências em relação à teoria, não necessariamente a implantação da teoria. Acho que isso é bom, eu não acho isso ruim, porque os professores, por exemplo, do departamento de Educação Motora, nesses 13 anos produziram muitos escritos, e muito material sobre Motricidade Humana, sobre Educação Motora que é o ramo pedagógico da Motricidade por definição, então houve muita produção nisso. Mas eu não posso dizer que a Unicamp é hoje um curso, uma faculdade que advoga a Teoria da Motricidade Humana, há várias teorias defendidas aqui dentro, né?

Em relação à área de Educação Física, o entendimento de Motricidade Humana de 1987 pra cá mudou na perspectiva teórica. O que mudou? *Primeiro*: corrigiu-se alguns erros que Manuel Sérgio havia cometido ao trazer o pensamento de especialistas como Merleau-Ponty, por exemplo, para a fundamentação desta Teoria. *Segundo*: pois há um projeto que está sendo desenvolvido em convênio com algumas universidades de alguns países, por exemplo, a Unimep aqui no Brasil, mais a Estadual do Pará, e mais algumas outras universidades que eu não me lembro quais são agora, algumas universidades da Espanha, do Chile, da Argentina e o Instituto Piaget de Portugal, a gente está fazendo uma grande leitura do seria essa Motricidade Humana enquanto área de conhecimento.

Como que a gente tá fazendo esse projeto: só para você ter uma idéia de como está caminhando atualmente: se nós pegarmos todos as disciplinas de todos os cursos de algumas universidades brasileiras, a Unicamp entra nisso, e tentarmos fazer uma leitura dos programas das disciplinas que trabalham com o corpo, todas elas, seja na Engenharia, na Medicina, em todos os cursos, em todas as disciplinas que têm alguma relação em estudar o corpo, a gente tá levantando o que e de que forma essa disciplina estuda essa coisa chamada corpo e estamos vendo se há um espaço vago entre tudo isso que não está sendo tratado por essas disciplinas. Se a gente conseguir identificar aí isso provavelmente aí será o espaço da chamada Teoria da Motricidade Humana, porque ela não tá consagrada.

Então, a gente tá tentando fazer este estudo e radicalizar este estudo na perspectiva dessa abordagem epistemológica inclusive, pra ver se ela existe ou se ela é apenas um ideal que passou na cabeça de algumas pessoas principalmente né, no início, na de Manuel Sérgio. Tentando ver se existe essa possibilidade e mais, hoje para nós, para esse grupo, está claro que Motricidade Humana não é sinônimo de Educação Física, ela é mais ampla, e contém inclusive o que tradicionalmente seria a Educação Física. Elas não são sinônimos. Enfim, há um estudo que está tentando deixar estas coisas mais claras em virtude delas ainda não estarem tão transparentes.

Em sala de aula a gente trabalha dessa forma... a gente no trabalho... a fenomenologia existencial (sic), por isso eu disse que a gente não trabalha mais em cima do corte, do chamado corte epistemológico de Manuel Sérgio, a gente tenta caminhar nesse trabalho no sentido de operacionalizar propostas pedagógicas através na Educação Motora na

**Educação Física Escolar.** Mas, eu não posso chamar isso ainda de uma tendência, como, aliás, eu não poderia chamar de tendência não só a Educação Motora como eu não poderia chamar de tendência, por exemplo, a proposta crítica, a proposta construtivista. Não poderia chamar de tendência porque a própria palavra tendência significa alguma coisa que tende a vir a ser. E se eu for às escolas hoje, o que eu vejo é ainda, muito clara e hegemonicamente, a perspectiva desenvolvimentista, a perspectiva no trabalho com esporte na vertente tecnicista, ou seja, eu só posso começar a chamar a tendência crítica, a tendência da Educação Motora, a tendência construtivista, por exemplo, na área da Educação Física, no momento que a gente conseguir possibilidades de isso vir a ser. Por enquanto, eu não estou conseguindo ver isso em nenhuma delas nas escolas, inclusive o da Educação Motora que é o que a gente tem trabalhado. Isso significa uma autocrítica e uma crítica a todos nós que trabalhamos na Universidade porque as coisas que a gente está produzindo aqui não chegam no professor de sala de aula, não chega na escola, quer dizer, nenhuma delas que eu mencionei a gente consegue ver elas se efetivarem, inclusive como possível tendência.

### **3) PARTICIPOU DO PROCESSO**

**ANO DE INGRESSO: 1987**

Bom, a Motricidade Humana foi uma proposta que a gente tomou contato no final dos anos 80 com as leituras do Manuel Sérgio. A gente conheceu o Manuel Sérgio, aliás, acho que o primeiro contato foi via Lino que leu um livro dele. Tinha um livro dele que era muito lido acho que é a *Prática e a Educação Física*, não lembro bem se era esse o nome e aí o Lino o trouxe pra um CONBRACE se não me engano em 83. E aí, eu tava vindo pra FEF em 1987 e me lembro que o Manuel Sérgio também tava chegando naquela época, logo aos a defesa da tese dele que culminou naquele livro dele aonde ele falava de uma ciência nova. E no contexto daquela época aquilo era muito fascinante eu lembro bem, até pelo fato de eu tá chegando também. Eu nem estava no mestrado eu fui entrar no mestrado em 1988. Então, aquilo era tudo muito novo, muito fascinante e a gente achava interessante embora a gente não entendesse direito, o Manuel Sérgio sempre foi muito prolixo: muito simpático e muito prolixo e os textos dele são textos difíceis de serem lidos.

Ma, ele falava de uma ruptura a partir das idéias do Le Boulch, do Lino e do Parlebás ele falava de um corte ele achava que isso já era um motivo que isso já dava uma certa bagagem para se ter uma nova ciência e isso fascinou a gente, embora eu nunca tenha lido muito o Manuel Sérgio, trabalho com alguns textos dele, eu li aquele livro que ele lançou pela Papyrus, acho que em 1990, 1991: Educação Física ou Ciência da Motricidade Humana? É esse livro é um pouco mais detalhado e aí ficou um pouco mais claro.

Uma definição de Motricidade Humana enfim, tentando recuperar um pouco como é que ele definia isso era uma ciência que ia tratar deste Homem na dimensão do movimento ou do movimentar-se. Eu achava interessante porque quando ele falava: “olha tem uma coisa maior do que a Educação Física” que é essa ciência que trata dessa motricidade do Homem, esse Homem movimentando-se e aí tem os vários braços dela. Tem vários braços: tem o braço técnico de esporte, de treinamento; tem o braço mais

pedagógico que é a Educação Motora, o nome que a FEF usa, enfim... o Departamento... o Congresso... tinha a ergonomia... o circo... enfim era uma área que em termos teóricos ela era muito certinha e isso dava pra gente naquela é poça certas respostas.

Então, Manuel Sérgio ficou dois anos conosco, acho que de 1987 até 1989 e voltou várias vezes e até pouco tempo atrás ele vinha ficava aí dias, às vezes, um mês. Ele deu aula na pós durante muito tempo e ela foi a base teórica pro nosso currículo, pra nossa grade de 1990. Eu lembro do Wagner do João Freire defendendo isso, montando, pensando o currículo a partir dessas idéias. Daí vem o *MH* que tem gente que não sabe da onde vem isso o *MH*, Motricidade Humana. Então, naquela época ela foi fundamental e o Tojal usa aquilo de uma maneira muito hábil naquela época pra defender a FEF na reitoria, quer dizer então para configurar uma FEF nova, um currículo novo, com área, bacharelado, Treinamento, Lazer que era uma coisa absolutamente nova que até hoje tem pouco por aí. Então ele centrava fogo, ele até citava muito assim que muita gente ficava chocada com isso, que ia ele pro CONSU pra falar sobre EF e o pessoal achava que ele tava falando sobre medalhas olímpicas e ele dizia não tem nada a ver isso é uma outra coisa. E essa Motricidade serviu pra isso no início dos anos 90. Hoje, hoje acho que ela é um nome, aliás, nosso curso nunca foi um curso de Motricidade, embora a gente tenha no código o *MH*, né ele sempre foi um curso de Educação Física então, na prática, a gente nunca usou muito isso. Manuel Sérgio voltou, ele foi embora, a gente trabalhou com essa idéia um pouco e eu sinto que de vez enquanto volta algum debate nessa linha, particularmente no DEM, do qual eu faço parte (e você sabe disso) e, no Congresso de Educação Motora que teve o primeiro em 1994 o segundo em 1998 e o terceiro agora em 2000 já tão falando de um quarto pra Campinas em 2002 e nessa hora debate-se. Tá bom, a gente está falando de uma Educação Motora o que ela é? A gente tem pra quê? A gente tem pesquisa nisso o não?

Aliás, isso foi um questionamento pros meus pares numa reunião de departamento e discutindo eu perguntei quem tava fazendo pesquisa em Educação Motora. Alguns se constrangeram, outros não mas, minha dúvida foi essa: a gente tá aí na FEF vendendo uma área nova: Educação Motora, Motricidade Humana mas, a gente faz isso ou não, a gente defende isso ou não? Em que isso é diferente do que a gente sempre fez em Educação Física. Eu não uso esse termo, não gosto deste termo.

Eu lembro agora do Congresso de Educação Motora que eu fui em 1998 estavam lá dois professores de Portugal o Carlos Neto e o Davi Rodrigues - ambos da Universidade Técnica de Lisboa - e o posicionamento foi esse: eles falaram que o que nos une é a Motricidade Humana e eu falei naquela hora para eles que precisa ficar claro que nós temos conceitos diferentes de área mesmo entre nós e na época havia uma proposta de fazer um intercambio da gente dar aula lá eles virem dar aulas aqui que não se deu ainda. Em 2000 de novo eu fiz este questionamento e o João Freire sempre defende isso que ele fala que pensar em termos de Educação Motora, Motricidade Humana não é necessariamente mudar aquilo que vem sendo feito, mas a forma de olhar pra essa área.

Eu não falo isso em sala, eu não uso o termo eu acho até que em texto nenhum meu eu trato dessa teoria, eu não mexo com isso e não sei o que é isso, se você quer saber claramente.

É aconteceu na minha forma de ver uma certa... na grade que nós montamos em 1990 (sic), foi feito o núcleo básico, núcleo comum e formaram-se modalidades e a crítica que foi feita anos depois e que culminou com a reformulação pequena em 1997 foi justamente isso: tinha na verdade um fosso entre esse curso mínimo/básico e o curso final depois. E uma das suposições levantadas na comissão de graduação da época era que em nome dessa Motricidade a gente não tava dando conta desse núcleo básico/comum, que a gente não sabia direito o que era isso. E isso jogava o foco do curso para as modalidades criando um grande fosso entre o núcleo mínimo e o final, criando, na verdade, três mini-cursos de dois anos: Lazer, Treinamento e Licenciatura. O três desconectados desse núcleo comum. Aí a modificação de 1997 no sentido de mexer no núcleo comum no sentido de dar pra ele uma cara mais próxima com o que viria depois nos dois anos finais, a idéia foi essa. Ou seja, em outros termos, tirar um pouco a cara da Motricidade e falar da Educação Física também no núcleo comum não só nos dois anos finais. Eu não sei se foi feito isso, ou não, a gente tem muito pouco tempo ainda disso.

## B-DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (DCE)

### 1) PARTICIPOU DO PROCESSO

ANO DE INGRESSO: 1988

Eu entrei aqui na Faculdade de Educação Física no ano de 1988, junto ao departamento, na época, Técnico-Desportivo, que depois se transformou em Departamento de Ciências do Esporte na também mudança para as identificações de MH, Motricidade Humana.

Dentro da Motricidade Humana, eu não provoquei uma mudança dentro das minhas atitudes anteriores, que eu lecionava em outras instituições para lecionar a minha disciplina aqui na Faculdade de Educação Física. E eu senti nesse período que aquela atuação minha veio muito próximo daquilo que se pretendia nas "MHs", sobretudo na questão da pedagogia. Então isso provocou um certo conforto para mim na época. Porque eu vi que a atuação que eu já exercia anteriormente a entrar aqui na Faculdade de Educação Física era uma atuação que vinha muito ao encontro das solicitações do momento. E, com isso, então, eu não senti que eu mudei minha atuação em função da mudança dessa nomenclatura pra época, e sim que eu me senti mais seguro em continuar fazendo aquilo que eu já fazia anteriormente.

Eu entendi esta mudança, a proposta de se voltar mais para a questão pedagógica das nossas atitudes que até então eram muito técnicas. A ludicidade, ao meu ver, era o chamamento forte para a Motricidade Humana, desta ludicidade, a questão de se identificar com o movimento, que ele não fosse exclusivo desta ou daquela modalidade. E isso eu tenho trazido até hoje.

A partir dos idos de 1988 até 1990, mais ou menos, nós tínhamos reuniões onde se discutia muito aquela questão da Motricidade, hoje eu já não sinto mais isso. O que eu vejo é que cada um de nós tem uma atuação individualizada, não há um consenso. Ouso até dizer que não há um *projeto pedagógico* da Instituição, onde as disciplinas que nós atuamos aqui dentro, indiferente do professor ou da temática dessa disciplina, ao que me parece, não têm uma linha condutora de um *projeto*, seja ela Motricidade Humana ou

qualquer outro que venha aí à frente. Mas eu sinto essa questão muito confusa, hoje. Cada um de nós aqui tem uma atuação, então o curso anda e eu vejo que ele anda mais por responsabilidade dos professores que propriamente por um Projeto Pedagógico instituído. Então alguma coisa mais institucionalizada.

2) PARTICIPOU DO PROCESSO  
ANO DE INGRESSO: 1985

Eu comecei a trabalhar na FEF em 1985, logo na sua criação, no ano da sua criação. Bom, eu vejo o seguinte: a FEF, desde a sua criação, enquanto uma Faculdade de Educação Física, ela teve uma preocupação. Qual era a preocupação existente? Talvez hoje eu entenda melhor isso do que entendia na época, a preocupação da FEF não era não ser mais uma escola de Educação Física, mas ser uma escola de Educação Física que pudesse se aproximar ou ter um embasamento científico dentro da sua proposta pedagógica, ou seja, dentro da sua linha de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Até aquele momento, a discussão da Educação Física era mais uma discussão em cima, vamos, dizer de uma teoria tecnicista onde se discutia bastante as questões técnicas, da atividade física e do esporte. Bom, e aí a partir da criação da Faculdade de Educação Física, ela buscou também uma... se não me engano, ela foi a primeira escola que saiu da formação simples da licenciatura e também criou o bacharelado, que foi uma coisa nova, né, que até hoje ainda é motivo de bastante discussão, mas foi um momento de ousadia, de criar alguma coisa nova, diferente. E, para a criação dessa coisa nova e também para se buscar um maior embasamento científico ao longo desse processo de implantação do curso, nós tivemos aqui a visita do professor Manuel Sérgio, que defendia a Motricidade Humana como uma forma de se dar à Educação Física um tratamento científico. Onde as preocupações não eram centradas, vamos dizer assim, no movimento, na questão técnica do movimento, mas procurava dar uma abrangência maior em quem estava executando o movimento, ou seja, era uma mudança, e nesse sentido que se tentou trazer o professor Manuel Sérgio pra cá com essa idéia de através da Motricidade Humana, né, sair da questão limitante que era somente discutir na Educação Física os aspectos do movimento e passamos a discutir de uma forma mais abrangente, voltada para o ser humano na sua totalidade, na integralidade.

É, eu vejo, de uma forma bem, rápida, e resgatando um pouquinho da historia e tal inclusive da intenção daquele momento. Esse era o momento inicial.

Assim, numa opinião muito pessoal, na verdade, essa passagem, ocorrida há pouco mais de dez anos. Então a FEF começou e logo em seguida teve um reajuste no seu currículo, na sua grade curricular, eu acho isso bom, eu acho uma pena não ter mudado mais. Ao meu ver, currículo tem que ser constantemente mudado, alterado, mas, pra ser muito sincero, eu acho que a mudança ela foi bastante significativa, nas siglas e nos nomes das disciplinas. Eu acho que houve uma mudança significativa, mas no conteúdo trabalhado, no enfoque dado aos conteúdos dados em cada disciplina; eu acho que ainda não houve uma mudança... eu diria significativa. Por quê? Porque eu acho que isso fica muito ao nível individual do professor. Porque tem professor que se adequa mais, que trabalha mais, tem professor que menos. Então, eu acho que, fazendo uma crítica, talvez,

o avanço poderia ter sido mais significativo nesse sentido se primeiro: as mudanças continuassem, como disse anteriormente; e segundo: que houvesse um eixo mais claro, mais definido, em que todos os professores pudessem estar envolvidos dentro deste eixo. Mas, eu estou fazendo uma análise muito pessoal e também superficial do assunto, porque é um assunto muito complexo.

Na verdade, eu nas minhas aulas tenho uma preocupação, não diria em trabalhar norteado na Motricidade Humana, não seria isso, não seria verdadeiro falar isso para você. Mas tem uma preocupação, que eu acho que é a mesma do Manuel Sérgio quando conversa sobre esta questão de Motricidade Humana, que é uma preocupação de uma abrangência maior da Educação Física, do Esporte, que é o que eu trabalho na Educação Física. Não restringindo, ou limitando, ou reduzindo o esporte a determinadas práticas desvinculadas de um contexto maior. Ora, se isso é Ciência da Motricidade Humana eu faço, mas acredito que isso não é Ciência da Motricidade Humana, isso eu acho que outras teorias têm essa mesma preocupação de lidar com conhecimentos numa possibilidade mais integrada.

Mas, a minha preocupação é a seguinte: é que quando falo de esporte, eu não trabalho, de forma fragmentada determinadas ações motoras, eu trabalho determinadas ações, mas de forma contextualizada dentro de um processo de educação, num processo de mudar conceitos, né? Trabalhar somente com uma parte de um assunto pra acho que isto tem que estar numa perspectiva de totalidade, estar inserido nesta questão mais abrangente. É isso que eu procuro fazer na disciplina.

Olha, é uma questão de... meu conceito de Motricidade Humana tem mudado. Por exemplo, antes de falar da Motricidade Humana eu trabalhei com Parlebás, da ação motriz. E, em contato com outros autores que defendem da mesma forma que o Manuel Sérgio essa aproximação da ciência, da área da ciência, na Educação Física. E essa modificação é constante também, ela é permanente; a gente que trabalha na Universidade, eu acho que a gente está sempre se modificando. Então, em todo este tempo de Faculdade, eu nunca dei uma aula com o mesmo assunto exatamente igual duas vezes, entendeu? Isso é uma vantagem da Universidade. Isso com relação a aula acontece e com relação a sua compreensão, a cerca de uma determinada teoria também vai se modificando.

Bom... isso eu acho que aí reside, ao meu ver, o grande problema. Por quê? É... a coisa vai indo, vai andando, vai acontecendo, as decisões são decisões individualizadas, não são decisões coletivas, decisões só e discussões. Então, como eu te disse, se num primeiro momento houve um certo arrojo na criação do bacharelado, a busca da teoria do Manuel Sérgio, a mudança do *EF* pro *MH*, isso não se manteve, porque eu acho que faltou, que falta discussão pedagógica a respeito deste assunto. Não há espaço para isso. E essa existência de espaço talvez seja a causa de hoje nós estarmos tão perto e tão distante desta teoria.

## C-DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DO LAZER (DEL)

### 1) NÃO PARTICIPOU DO PROCESSO

ANO DE INGRESSO: 1990

Bom... quando eu vim para cá em 1990 estava pronta a reformulação do currículo, do *MH*. Mas, eu tive alguns contatos pessoais com o Manuel Sérgio, mas não via Unicamp.

A primeira vez que ele teve no Brasil foi num congresso em Guarulhos, no CONBRACE. Que era um grupo de colegas que tava apoiando a vinda dele e eu tava lá no meio naquela época, enfim.

Bom, primeiro eu acho que o Manuel Sérgio não é nenhuma sumidade, entendeu? Ele falou coisas que a gente queria ouvir na época com as quais a gente concordava e, nós compartilhamos com ele. E assim o que pairava no ar era uma necessidade de mudança, uma necessidade assim de repensar a Educação Física, de repensar algumas posturas da Educação Física. Então se discutia muito isso naquela época.

Passados todos esses anos sei lá... mais ou menos 15 anos, eu chego a conclusão que as coisas não mudaram muito não apesar de todas aquelas discussões que deveriam mudar, propor coisas novas e tal. Eu não vejo muitas propostas de coisas novas, pelo menos nesse meu percurso. Eu vejo que mesmo aqueles colegas que sentiam necessidade de mudança parecem que ainda continuam sentindo embora existia, eu percebo, eu sinto isso, que existia muita resistência a mudança na Educação Física, existe muito medo do novo. Isso é uma coisa que eu nem saberia dizer porquê essa resistência ao novo e a mudança na educação Física.

Então, assim se existia todas aquelas propostas foram tentadas, de certa forma, serem implementadas aqui na FEF, embora isto não tenha se concretizado por vários motivos. Primeiro porque eu acho que para você concretizar uma proposta dessa você precisa de um grupo muito coeso e não muito grande, que leve adiante as idéias e as reflexões originais. Não é possível você levar uma idéia de proposta baseada numa reflexão teórica - no caso que era sobre a Motricidade Humana enquanto expressão de uma corporeidade não enquanto uma expressão mecânica de movimento e de um corpo inerte era mais ou menos essa a idéia - se não há um grupo de pessoas sintonizadas com a proposta. Acontece que aqui dentro da FEF/Unicamp nunca teve uma sintonia de todos com esta proposta. Então, é muito difícil você pensar na implementação de uma proposta onde não tem a sintonia, que as pessoas não estão nem entendendo o que é Motricidade Humana e toda a reflexão que vinha por trás disso, que não era nada muito transformador não, entendeu? Mas, era importante porque puxava, buscava um entendimento da questão via Filosofia, que eu acho que isso era um aspecto importante. Só que pra você buscar o entendimento de uma questão via Filosofia você precisa estudar Filosofia que está por trás, que está embasando, sustentando esta proposta. Se as pessoas não entendem o que está por trás dela não adianta colocar termos, nomenclaturas, entendeu? Porque não é isso que vai mudar, o que muda são comportamentos. Comportamentos mudam as coisas. Comportamentos, lógico, relacionados a idéias. Só que idéias elas subsistem através de reflexões e se você não sabe o que é a reflexão ou a idéia que embasa o comportamento você fica perdido. Então

o que aconteceu aqui foi isso, tá? Não teve, não teve uma estruturação em torno de uma idéia, duma proposta, aconteceu assim: ouviu-se falar, teve uma propaganda, se convidou um professor pra vir pra cá que na verdade falou o que as pessoas queriam ouvir na época e a coisa ficou muito solta no ar, não teve uma amarração em torno de uma proposta concreta. Foi mais ou menos isso o que aconteceu.

Acho que o problema hoje não é discutir a Motricidade Humana... é na Educação Física... porque parece embora, indiretamente, que esta questão não é tão emergente no sentido de você pensar formas diferenciadas de se trabalhar com o movimento. Acho que a questão hoje é pensar como este conhecimento que é trabalhado na Educação Física deve se relacionar e dialogar com outros conhecimentos de outras áreas, o que foi sempre a dificuldade da área e eu vejo que o currículo hoje, nosso, não propicia este diálogo.

O currículo, ele tá truncado, entendeu? Em disciplinas estanques, que não dialogam entre si e muito menos com outras áreas do conhecimento. Então, na verdade a questão mais emergente, que eu acho agora, é a questão de se repensar o currículo, enxugar este currículo que é um absurdo: um elenco de disciplinas assim um número exorbitante, no meu ponto de vista. Então, este currículo deveria ser pensado com menos disciplinas, mais coeso, mais interligado, e com um diálogo mais aberto com outras áreas do conhecimento. Eu acho que a questão emergente nossa agora é essa.

Eu trabalho no seguinte sentido, que eu sempre especifico o movimento humano enquanto um movimento na relação, entendeu? É um movimento na relação que sempre exprime um significado, exprime sempre uma reflexão do Homem nessa relação dele com o mundo dele e entre os próprios homens. É assim que eu penso o movimento e é assim que eu tento abordar, é sempre dessa forma.

## 2) NÃO PARTICIPOU DO PROCESSO

ANO DE INGRESSO: 1997

Veja bem, eu estou na área do Lazer, essa área não tem um corpo teórico próprio. E se tem é um corpo ligado a questão do trabalho, ligado muito à Sociologia. Ou seja, não haveria a necessidade de uma organicidade como a Educação Física. Ela cabe na Educação Física como na USP ela cabe na Comunicação, como poderia ser uma área própria. Então, quer dizer não há na perspectiva do Lazer, quer dizer Manuel Sérgio, ou nas outras discussões da Educação Física surgem como referência como surgem como referência discussões da Sociologia.

É o que eu percebi aqui, como relação à Teoria da Motricidade Humana, foi uma maneira de a Educação Física tentar definir seu objeto de uma forma mais ou menos consensual e pra lá da simples prática esportiva.

Quando eu trabalho... trabalho com a questão da definição do campo da Educação Física eu tenho trabalhado com algum material do Lino e do Valter Bracht que faz a discussão com a Teoria da Motricidade Humana. Agora até que ponto eles são ortodoxos nessa leitura ou não eu não sei.

O que eu identifico na FEF e na Educação Física em geral é uma verdadeira neurose para se definir enquanto área de conhecimento, o que não é comum nas outras áreas.

**Trabalhei na Pedagogia e eles não têm esta preocupação. Trabalhei nas Ciências Sociais eles não têm esta preocupação, na Administração eles não têm essa preocupação. Essa é uma marca específica da Educação Física.**

## **D-DEPARTAMENTO DE ATIVIDADE FÍSICA ADAPTADA (DEAFA)**

### **1) PARTICIPOU DO PROCESSO**

**ANO DE INGRESSO:1983**

Meu contrato, inicialmente, foi por aulas dadas e, só a partir de 1992 que comecei a atuar na graduação da FEF.

Quando pensei na disciplina que leciono foi a partir da idéia do prof. Manuel Sérgio que a Motricidade Humana seria então a Ciência do Movimento. Na minha opinião, no decorrer do tempo, esta Motricidade Humana que foi trazida pra FEF se perdeu um pouco ao longo do tempo e algumas disciplinas na minha opinião acabaram não tendo tanta ligação com essa Motricidade Humana que o Manuel Sérgio pregava, que defendia. Então, na minha opinião, isso ficou perdido. É uma história que com certeza se você analisar todas as opiniões algumas pessoas realmente talvez não vão conseguir definir esta Motricidade Humana. Porque a EF acaba sendo muito ampla e muitas vezes esta coisa fechada acaba se perdendo. Na medida do possível eu tentei direcionar a minha disciplina versando primordialmente por esta Ciência do Movimento, mas hoje em dia atualmente é uma disciplina que acredito que precisava ser reestruturada, porque a maneira que ela está sendo dada ela acaba sendo às vezes muito fechada e outras vezes muito abrangente e acaba se perdendo em muitos momentos. E com isso essa Ciência do Movimento acaba se perdendo e eu gostaria muito de estar retomando.

Porque atualmente eu não vejo a Graduação preocupada. Já teve até momentos em que surgiram comentários de reestruturar esse *MH* do código, mas, não se firmou, os boatos não se firmaram. Então acredito que na cabeça dos historiadores aqui da FEF, com certeza eles já devem estar querendo novos rumos.

Eu acho que essa Motricidade Humana, essa Ciência do Movimento como tem sido vista hoje, não tem firme no propósito de defender a idéia mesma como há 15 anos atrás quando o prof. Manuel Sérgio veio pra cá. Então, com certeza, eu to com muita curiosidade em ler os resultados desta pesquisa porque eu tenho certeza que algumas respostas vão ficar muito dispersas.

Eu, sinceramente, gostaria que fosse retomada essa discussão, ou pra mudanças, se realmente... Porque na época que o prof. Manuel Sérgio trouxe esta idéia realmente foi um paradigma, então foi assim um corte que foi feito. Então, naquele momento todo mundo parou, pensou e encampou a idéia do prof. Manuel Sérgio. E atualmente, eu não vejo isso. Atualmente, não vejo essa reflexão muitas vezes eu já vi alguns alunos serem questionados e eles não souberam, ficaram perdidos nas suas respostas sobre o porquê deste *MH*, então eu acho que tá no momento de parar e refletir. Porque a partir do momento que uma graduação oferece disciplinas em que o aluno nem sabe o que tá

acontecendo, o quê é esta Motricidade Humana. Tá na hora de dar uma paradinha e refletir um pouco sobre a história ou até por novos paradigmas.

## VIII. 2. ENTREVISTAS: CORPO DISCENTE

### 1) DISCENTE EGRESSO INGRESSOU EM 1985

Eu fiz o curso na Faculdade de Educação Física, entrei em 1985, sou da primeira turma e cursei até 1988. Em 1988 teve uma greve muito longa que aí a gente acabou se formando no começo 1989.

O Manuel Sérgio eu não me lembro exatamente o ano que ele veio pro Brasil, acho que foi em 1987.

Em 1988, no período desta greve, principalmente foi muito marcante para mim, porque nós formamos um grupo de estudos para estudar o livro dele, *Prolégomenos da Ciência da Motricidade Humana*. E na ocasião ele orientava a Ana Feitosa que foi orientanda dele de doutorado e nós formamos este grupo tinha alguns alunos da FEF interessados, a Ana e o professor Manuel Sérgio.

Então nós não tínhamos aula, porque estávamos em greve... Então fora todo o movimento do Centro Acadêmico e durante o dia e tal, à noite nós íamos, se eu não me engano umas três vezes por semana, lá na casa do prof. Manuel Sérgio - ele morava ali no centro de Campinas, na... Barão de Itapura, não na Francisco Glicério - e a gente ia pra lá ler o livro. Então nós acabamos lendo o livro inteirinho, página por página discutindo, tentando compreender os autores, os filósofos. Porque no livro do Manuel Sérgio, hoje eu vejo que ele pegou *muuuitas* teorias e misturou tudo aquilo para justificar o aparecimento de uma Ciência que justificasse o valor da Educação Física e tal.

Eu, pessoalmente, acho que naquela época o nosso grupo e mesmo a Faculdade vivia um certo tom de encantamento com a proposta do prof. Manuel Sérgio e no afã deste encantamento que numa das reestruturações curriculares - eu lembro que nós alunos participamos bastante dando sugestões, opiniões - e aí se optou pela mudança do currículo para Motricidade Humana, MH.

A participação dos alunos era grande, principalmente via Centro Acadêmico - CAEF, e gente promoveu vários eventos para se debater Motricidade Humana, a gente promovia em horário de almoço, aí convidava o Manuel Sérgio e outros professores que faziam debates. Então os alunos estavam bem presentes nesta discussão, pelo menos são as lembranças que eu tenho. Eu lembro que eu tava muito presente, o pessoal Centro Acadêmico tava muito presente... e como era época de greve também a gente tinha que estar sempre reunindo os alunos pra discutir sobre isso, sobre aquilo e tal. Então, eu acredito que houve, não sei se esta palavra é forte, uma sedução no Brasil pela teoria do Manuel Sérgio, por quê? Porque eu acho que o grande valor da teoria dele foi tentar trazer pro âmbito EF uma discussão mais humana de corpo, de Educação Física. Agora do que eu estudei sobre epistemologia - que não foi muita coisa não - eu acho equivocada a proposta do prof. Manuel Sérgio hoje em dia. Eu acho que se buscou sair de uma coisa e

caiu em outra equivocada, numa visão tradicional de ciência, numa visão talvez até positivista onde se vai buscar um *objeto* de estudo, toda uma delimitação científica que a gente vê que na área de humanas não precisa e nem deve ser assim. Então, aí nessa época eu sofri muita influência dessa Teoria, me senti bem seduzida mesmo por este estudo do Manuel Sérgio, acho que isso foi bem geral na Faculdade de Educação Física da Unicamp. Exceto alguns professores que eu percebia que já passavam a questionar um pouco mais o Manuel Sérgio e as suas posições epistemológicas, suas posições políticas inclusive. Então como esses professores que questionavam o Manuel Sérgio eram professores com os quais eu me afinava muito com o discurso e com a visão de mundo deles pra mim começou a balançar um pouco e isso só veio a se confirmar mais pra frente quando eu segui fazendo o mestrado e depois o doutorado, principalmente no doutorado, que eu comecei a ver que esta discussão da Motricidade Humana se teve um ganho na época de trazer a dimensão da discussão pro campo das humanidades, isso eu acho que aconteceu mesmo, por outro lado eu acho que caiu num vazio, não sei bem como qualificar.

Então, teve seu valor naquela ocasião, mas, eu acho que hoje não tem mais tanta pertinência essa discussão. Acho que até hoje em dia na FEF os próprios docentes que atuam lá já não discutem mais a Motricidade Humana a fundo ou não têm um posicionamento claro a respeito disso, então tem as MHs e tá bom e o que esta sigla quer dizer?(sic). Teve um momento histórico em que estas siglas apareceram e agora isso ainda é discutido? Você que está agora passando pela Faculdade houve uma discussão aprofundada sobre o sentido da Motricidade Humana, porquê MH? Parece que é uma coisa que caiu no vazio, dentro de um esquecimento. Aí eu fui pra outros caminhos não continuei estudando mais estas questões ligadas a Motricidade Humana e a epistemologia e estou bem afastada desta discussão só sei que não é uma discussão que hoje eu ache que seja ainda muito pertinente.

Eu acho que a idéia da Motricidade Humana tal como foi difundida pelo prof. Manuel Sérgio, acho que hoje quando se fala em Motricidade Humana ainda se está se falando desta concepção surgida aí nesta década de 1980. Tem o Parlebás também foi um outro autor da época que falava da Ciência da Ação Motriz, se não me engano, e acho que os dois sempre havia um cortejo entre a teoria dos dois. Na minha dissertação de mestrado eu falo um pouco mais sobre isso... Mas, eu acho que não houve uma grande mudança de compreensão do que se falava de Motricidade na época e o que se fala hoje. É que eu não estou diretamente ligada a grupos que discutem isso, tanto que o Congresso Brasileiro de Educação Motora é... nesse congresso eu acho que se tenta rediscutir a Motricidade Humana, mas não é, vamos dizer, a linguagem da área que eu me afino mais então eu não estou muito próxima dessa discussão. Eu me aproximo de outras discussões que a gente poderia chamar de um grupo de visão histórico-crítica da área porque não se afinam com esta visão da Motricidade Humana.

Eu acho que contribuiu para a minha formação sim. Foram discussões muito ricas que trouxeram como eu te falei, acho que colocaram a Educação Física na discussão mais geral da área das humanidades. Só que não foi só a Motricidade Humana que fez isso, não dá pra gente atribuir à discussão em cima da Ciência da Motricidade Humana como a responsável por colocar a EF no campo das humanidades, não. Na década de 80 vários

professores nossos, né, da área foram fazer suas pós-graduações em áreas da História, da Filosofia, da Antropologia. Então, estes professores foram os pioneiros para trazer para a EF a discussão em relação se a afinal de contas nós somos corpos biológicos ou corpos culturais? Então isto tudo aconteceu meio que simultaneamente, mas não foi só a Motricidade Humana responsável por isso tudo não.

## **B) DISCENTE EGRESSO INGRESSOU EM 1988**

Eu entrei no ano de 1988. Ainda peguei o que era o “currículo antigo” onde as disciplinas se chamavam “EF”, que é um currículo muito parecido com o currículo atual da maioria das faculdades de Educação Física que tem por aí. Eu tive “Atletismo I”, “Atletismo II”, “Natação I e II”, as disciplinas esportivas eram todas seqüenciais e tinha... Existia pra gente muito marcado a história das disciplinas práticas e as disciplinas teóricas.

De certa forma era um curso que era caracterizado como um curso tecnicista apesar, do corpo docente, existia muito debate, muita briga, muita rixa em o que se chamava os “teóricos” e os “práticos”, acontecia muita piada em relação a isso até.

Então a gente escuta falar da Motricidade Humana. No meu curso nunca houve uma disciplina que falasse sobre isso e nunca houve, pelo que eu me lembre, momentos específicos fora de disciplinas onde a gente tivesse oportunidade para debate sério sobre isso. O momento para isso, eu diria que foi na reformulação da curricular.

No ano de 1990 é que teve a mudança: as disciplinas deixaram de ser EF para passar a ser MH, inclusive em função da teoria do Manuel Sérgio e a gente participou disso. Havia uma grande abertura para a participação discente via CAEF, inclusive, não só via CAEF não precisava ser. do Centro Acadêmico para estar participando: todos os alunos eram chamados e eram ouvidos inclusive. Existiam dias assim... dia “X” vai ser suspensa as aulas para se fazer uma discussão sobre a grade curricular, era uma reunião aberta mesmo. É claro que havia reuniões específicas com o corpo docente.

Eu diria que o principal papel nesse sentido, algumas pessoas se interessaram a estudar a Ciência da Motricidade Humana: o Wagner, o João, o Tojal (que é uma das pessoas importantíssimas no sentido da criação da Faculdade aqui na Unicamp).

É claro que se o Tojal teve esse interesse na teoria do Manuel Sérgio, que vinha desde a criação da Faculdade, etc é óbvio que ele tinha também interesse em arquiuetar a possibilidade de centrar a grade curricular, de centrar a formação, o curso em função do que o Manuel Sérgio defendia. E que pelo pouco que a gente tinha noção parecia fantástico.

Agora, é claro que existia um afã na gente de defender qualquer coisa nesse sentido. A gente ia pros encontros de estudantes e a gente: “a gente tem o Manuel Sérgio!”, “a gente tem a Motricidade Humana lá!” e torcendo pra ninguém perguntar o que é, da mesma forma que a gente defendia o que é licenciatura e o que é bacharelado. A gente defendia com unhas e dentes o bacharelado sem ter a menor noção do que era. Era uma

postura bem bairrista mesmo: "eu sou da FEF, tem bacharelado, então é bom, então é isso aí".

Eu diria o seguinte: o curso todo não favorecia que a gente, pelos menos a minha turma (88), não permitiu que a gente soubesse o que era, a gente sabia que existia.

Bom, é claro que o Tojal tendo este interesse ele incentivou para que a Faculdade tentasse caminhar nesse sentido. Eu diria que outras pessoas compraram a briga conscientes, ou minimamente conscientes, e algumas outras comparem por comprar e outras eram contra ou simplesmente deixaram o barco correr.

Quando houve a reformulação em 1990 o grande problema é que você mudou a ementa, você mudou o nome das disciplinas e os professores não mudaram. Você não se transforma do dia pra noite. Se você é professor da disciplina "X" e ela passa a ser um "Y" você continua dando "X". Se você é professor de Atletismo, é... eu não tenho competência para avaliar no caso o docente da época, mas, tinha Atletismo I, II e III e de repente logo depois da mudança a disciplina da passou a ter meio semestre. O que o professor fazia tentava condensar da melhor forma possível os conteúdos que ele trabalhava em um ano e meio em meio semestre. Era o que estava acontecendo, houve outras reformulações depois, por exemplo, você tem um semestre de atletismo. Agora isso é até compreensível em certo sentido, eu estou falando do Atletismo, mas, podia ser qualquer outra, né? Não se julga um professor por isso, né? É muito complicado até porque em muitos casos o professor não sabia o que era.

Eu diria que hoje eu começo ter alguma idéia do que talvez seja o que a gente chama de Ciência da Motricidade Humana não em função do curso mas, em função das minhas necessidades fora mais do que as necessidades profissionais (no sentido de quando eu fui dar aula na escola, fui trabalhar na academia) mais principalmente quando eu me vi professor universitário em outra Universidade e isso de uma forma de outra... de ter de explicar me chama a atenção.

O grande problema é que talvez hoje alguns docentes começam a ter mais claro o que é Motricidade Humana até para aceitá-la ou pra negá-la. Alguns destes docentes estão se aposentando ou já se aposentaram.

Bem... eu acho que até via Tojal, principalmente, eu acho que é uma figura central nessa história talvez porque ele tivesse um pouco mais de clareza do que era isso e conseguisse entender as vantagens, os pontos positivos do fato de você tentar trabalhar os conhecimentos sobre o corpo, o esporte e outras atividades mas tudo de uma forma um pouco mais conectada entre si do que o que vinha ocorrendo. O problema é que talvez, talvez, tenha sido forçado aos outros docentes que não conheciam as propostas ou simplesmente não tinham interesse em conhecê-las. Acabou-se forçando a aceitação disso e essa aceitação resulta no fato que eu comentei: tudo bem mudou o nome, mudou a ementa, mas, eu faço o que eu quero. Quem vai fiscalizar isso? Os alunos? O corpo docente? É muito complicado isso, né?

O que eu acho de tudo isso, assim, grosso modo, do que eu vejo hoje, treze/quatorze anos depois: as pessoas que frequentaram, principalmente, o limiar de 1990 - 1995, 1996, 1997 - tiveram a possibilidade, senão de compreender um pouco melhor o que é Ciência da Motricidade Humana, de vivenciar esta proposta de forma mais intensa por quê? É... veja - esta é a visão de alguém que passou, ficou um pouco distante e depois

voltou - eu posso estar equivocadíssimo: o corpo docente de repente se viu na obrigação, no dever de tentar se informar ou se enquadrar dentro da proposta. Senão compreender o que é Motricidade Humana pelo menos enquadrar os seus cursos, as suas disciplinas, o seu trabalho em função do projeto pedagógico que estava eminente aí. E mais: estas pessoas que estavam fazendo isso estavam voltando dos seus doutorados muitos deles fora da Educação Física, ou seja, estavam vindo com outro conhecimento e você vê aí o pessoal 95 e 96 tendo uma formação mais sólida em áreas que não necessariamente são específicas da Educação Física, nas áreas de humanas principalmente.

Eu acho que o curso acabou defendendo muito as áreas de humanas em função do que se esperava da Teoria da Motricidade Humana. Agora, é claro que se está tendo um déficit pela aposentadoria e pela saída desses docentes que viveram esse momento de transição, que se viram obrigados a reaprender sobre o próprio sentido da Educação Física, não necessariamente em função do que o Manuel Sérgio pregava, mas também pelo que evidenciavam os seus doutorados o que favoreceu uma formação muito mais ampla do pessoal que entrou nesse período bem no meio dos anos 90.

No meu caso o que a gente chama de Motricidade Humana (sic) sempre foi um mistério principalmente durante período de curso e pós-curso. Fica muito complicado pra gente tentar definir, tentar entender o que era isso, uma vez que era falho, assim como é complicado pra gente entender o que é linha de pesquisa, não existia pesquisa na Faculdade o pessoal estava começando a se situar.

A contribuição da Motricidade pra mim... se eu falar que é nula eu vou estar mentindo porque bem ou mal você acabava tentando é... descobrir ou suspeitar o que era, até porque você se via, principalmente nos eventos de estudante (ou em outro contato, tem a PUC aqui do lado), você sentia a necessidade de tentar se informar um pouco pra poder dar respostas senão aos outros a você mesmo. Agora, é claro por nunca ter talvez uma disciplina específica - acho que talvez a disciplina "Teorias da Educação Física" - ficou muito vago. Afinal, o que se quer pautar nisso? Acho que era o grande momento de se falar o que era isso, o que o Le Boulch tinha a dizer sobre isso e não vinha. Não vinha, eu diria porque os próprios docentes que se envolviam com isso é... os docentes que talvez tivessem amplitude para debater sobre isso não estavam nessa disciplina (Teorias da Educação Física) estavam em outras e abordavam outras coisas, talvez até pelo viés da Motricidade Humana, mas, que não nos permitiam perceber isso. E os docentes que permeavam esta disciplina ou não sabiam como trabalhar com ela ou simplesmente a relevavam por incompetência - esta palavra é muito forte - por desinformação.

Então, o meu curso foi talvez o curso que existe na PUC ainda, tinha um monte de técnicas pra aplicar. Aliás, eu peguei um momento complicado por era o momento de negação das técnicas em função do que o Manuel Sérgio falava sobre se ter uma base sólida, uma base teórica mais forte. Então, de repente você via professores que se sentiam humilhados por perceberem que só detinham um volume de técnicas e que tinham que se aprofundar no que significava a aplicação de um monte de propostas de atividades em função de uma Teoria que estava surgindo, em função do que é corpo, do que é cultura já que não havia este debate até então. E então, passam a negar as técnicas, mas não sabem o que colocar no lugar.

Eu diria que a minha turma 88, a turma 89, a turma 90 foram turmas que não se viam instrumentalizadas tecnicamente como acontece nos cursos tecnicistas mas, não recebiam informações e não participavam de debates que permitiam construir uma teoria sobre a teoria da Educação Física. Na verdade, a gente pegou o grande vácuo de mudança.

O meu curso se dá justamente no momento em que algumas pessoas defendem a Teoria do Manuel Sérgio com uma boa fundamentação ou fundamentação superficial que seja e outras se vêm tendo que enfrentar isso e negando toda sua história, às vezes, sem saber o que colocar no lugar.

Hoje eu ainda não me sinto muito competente para conceituar essa teoria, mas, acredito que a Teoria da Ciência da Motricidade Humana é uma grande teoria que tenta classificar como ciência ou como corpo de conhecimento tudo o que envolve o movimento intencional do ser humano e os vários aspectos que estão a ele relacionados. Seria uma grande área pluri, multi, inter, trans, indisciplinar at, né?!(risos). Na qual eu acho muito complicado, num primeiro momento, considerar como ciência, eu acho que é uma área de conhecimento, mas, não consigo entender como ciência talvez até pelas limitações do que eu entendo como ciência, enquanto processo de acumulação em busca de conhecimento frágil (no sentido que pode ser negado) que tem que se comprovado, que possui um processo metodológico que leva a essa comprovação. Até porque se você tenta entender o movimento humano a partir de bases fisiológicas você tem aí outras ciências que dão conta disso, se você tenta entender o movimento num contexto sócio-cultural também tem outras ciências que dão conta e em certos momentos melhor que a gente.

Talvez o grande mérito da Ciência da Motricidade Humana tenha sido chamar a atenção pra gente da Educação Física a pensar pros lados das teorias da Sociologia, dessas outras ciências mães... embora haja talvez um biologicista tenha mais competência que a gente para avaliar certos aspectos, pela base de formação dele, não há o interesse e a intenção de fazer isso, principalmente nas ciências humanas onde a gente foi buscar tanta coisa. O grande mérito da Motricidade Humana foi de chamar a atenção da gente pra gente se apropriar dessa outra coisa que a gente não tinha, de você ir buscar mesmo, como aconteceu nas pós-graduações, buscar formação suficiente para aplicar no nosso objeto. Eu diria: a gente tem um objeto - o movimento humano - a gente não tem métodos nossos ainda.

### C) DISCENTE EGRESSO INGRESSOU EM 1991

Com relação à Teoria da Motricidade Humana do Manuel Sérgio, o que eu percebi na época da minha graduação é que se falava bastante desta teoria, no entanto, o que a gente percebia, ou que pelo menos eu percebia, é que era algo assim distante. Falava-se da teoria, a gente chegou a ler uns textos do Manuel Sérgio, não me lembro em qual disciplina também, já faz tempo. E não tinham... não me lembro de ter tido aplicação acho que eu não posso dizer: "algum professor procurou trabalhar alguns conteúdos da Educação Física na abordagem desta teoria". Eu não lembro disso. Lembro-me que o Manuel Sérgio foi à FEF,

deu palestra pra gente. Mas não me recordo dos professores fazendo a tal da, se é que isso existe, teoria e prática, não lembro disso.

Olha, na verdade: uma grande confusão. Eu definiria esta teoria como uma grande confusão, porque é uma mistura de várias coisas então, eu acho que é uma grande confusão. Porque na época da graduação, se eu for sincera eu não vou lembrar porque e até vou adiantar uma das perguntas que você fez: que é o que esta teoria tá interferindo na minha atuação profissional.

Eu sei que ela existe, sei que é uma das coisas que se debate bastante na Educação Física. E agora por conta do meu mestrado eu estou começando a ler alguns autores e os debates sobre a crise epistemológica da Educação Física. Mas, durante a minha atuação eu não sei, não saberia também apontar nada que tenha influenciado. E a definição, eu tive um contato maior agora por conta até desses estudos do mestrado eu li um livro do Valter Bracht e lá tem um artigo de um orientando dele que fala né e aí inclusive ele aponta até algumas contradições do próprio Manuel Sérgio, que no começo era uma coisa depois foi se transformando até que se tomou força do que é, mas, pelo que eu li achei muito confuso.

Olha, durante a graduação é difícil falar. Minha graduação ela começou de um jeito, começou dentro do núcleo comum com todos os outros alunos da minha turma, só que a partir do momento em que eu optei pelo bacharelado em Lazer eu perdi contato com muita coisa da Educação Física. Tanto que agora até no trabalho do mestrado eu to tendo dificuldade de retomar a teorias da Educação Física, porque eu tive mais contato foi com as teorias do Lazer. Então, durante a minha graduação o contato que eu tive foi mais no começo depois disso não teve como retomar. Acho que acabou não influenciando muito talvez por conta disso, pela opção do Lazer que é uma opção diferenciada da Licenciatura, e aí no caso, acho que teria uma ligação maior com o pessoal que ta atuando nas escolas.

Eu percebo que na FEF a gente tinha abertura com alguns professores pra tá debatendo isso, mas, não eram todos os professores não. Mas, os professores que davam Ludomotricidade que foi o caso do Wagner, do Jocimar que nem era só o Jocimar ele era estagiário nessa época. Ele trabalhava junto com a Ana Maria Beatriz, professora de Antropologia que dava Ludomotricidade, mas voltada para a Antropologia. Então, estes professores davam uma maior abertura pra tá discutindo estas coisas. Outros não. Os das Pedagogias do Esporte, por exemplo, não tinha. E aí eu não sei, mas acho que teria mais a ver até pelos *MHs* da vida, né, que tem no nosso currículo.

#### **D) DISCENTE EGRESSO INGRESSOU EM 1992**

Bom, em relação à definição do que seria a Ciência da Motricidade Humana acho que o que ficou pra mim do que eu me lembro foi uma tentativa de mudar um pouco aquele paradigma de que a Educação Física era uma coisa... assim...

**Quando eu entrei na Faculdade minha primeira questão era: o que é Educação Física? E eu saí sem saber. Então, tinha muita tentativa de falar o que é Educação Física e a impressão que dava é que a Educação Física era uma coisa restrita à EF Escolar.**

**Então, a impressão que eu tinha, quando entrei, é que eles estavam tentando colocar uma coisa que eu acabei estudando de uma maneira diferente, de acordo com o Valter Bracht, como Educação Física em sentido amplo e Educação Física em sentido restrito, não como Motricidade Humana.**

**Então, eu acabei trabalhando na faculdade, nos trabalhos que eu fiz mais neste sentido. Mas, eu via a Motricidade Humana como, a história da Motricidade Humana como isso: uma tentativa de tornar a Educação Física científica não só no lado biológico, mas também do lado mais humano e abarcando tudo, porque tinha um pouco de confusão entre o termo da Educação Física.**

**Eu me lembro que quando começou mudar as siglas das disciplinas pra MH, de EF para MH, uma bagunça assim, todo mundo ficava meio confuso, mas, não se questionava muito a respeito da tal Ciência da Motricidade Humana. Eu vi, que eu me lembre, que eu trabalhei pouco isso em aula. E vim realmente a trabalhar isso na minha monografia de bacharelado, porque meu orientador indicou para eu estar lendo isso, então eu fui buscar, fui ler o que era Motricidade Humana, essas coisas. Mas, eu não lembro de professores trabalhando isso em sala não me lembro posso ter me enganado, mas eu não lembro, não me recordo. Por que tem muitas coisas que passam, eu acho, que vai te chamando atenção àquelas coisas que você julga mais importante na época.**

**Na Faculdade, que eu me lembre é isso: de ter mudado a sigla, das pessoas comentarem alguma coisa, nos anos que eu tava na graduação acho que o Manuel Sérgio teve por aqui... algumas coisas assim...Então, ouvia-se coisas assim e nada de elucidador, entendeu? Ninguém vinha e: 'não é isso, é aquilo' pelo menos com a minha turma.**

**Contribuição para a minha formação... não sei. O que a motricidade Humana contribuiu? É isso? É difícil dizer, não sei. Acho que tudo o que a gente passa na Faculdade contribui, de alguma maneira, para formar o que você é, mas se você me perguntar assim exatamente o quê eu não saberia dizer. Talvez para uma abertura de visão assim... ter um pouco de curiosidade em saber o que é Motricidade Humana, mas especificamente... não é uma linha que eu segui ou que me embasou. Sei lá!**

#### **E) DISCENTE EGRESSO INGRESSOU EM 1993**

**Eu entrei em 1993. Na época, se discutia a Teoria da Ciência da Motricidade Humana, mas uma coisa assim não muito clara. Fazia pouco tempo que o Manuel Sérgio tinha vindo pra cá.**

**Em 1993 ele já tinha ido embora e as pessoas ficaram meio perdidas, eu senti que era uma discussão pertinente, mas as pessoas não conseguiam esclarecer muito bem e falar muito bem dela. O que se sabia era que as discussões giravam em torno do seguinte: que a Educação Física tinha alguma ciência que discutia o movimento humano. E, pra ele, pro Manuel Sérgio, isso era aplicado, numa teoria específica para a área de Educação Física, ele sentia essa necessidade de algo mais aprofundado. É, então, era mais ou menos isso**

que se falava. E parecia que ele foi muito feliz quando disse isso e que todo mundo gostou dessa idéia até que a grade curricular recebeu o código MH, significando Motricidade Humana.

E meu curso foi de bacharelado e ninguém se aprofundava muito. O que sei é mais por conta de algumas oportunidades que eu tive de ter pessoas que gostavam de discutir sobre isso. Mas não era uma coisa assim... eu não sentia muita importância, apesar de fazer parte dessa história.

Eu defino Motricidade Humana assim: é uma forma, é uma certa maneira de pensar o movimento humano. Mas, não o movimento humano num sentido mais restrito, o movimento humano que tem um certo conceito de indivíduo, de ser humano. Um ser humano completo, holístico que transcende. Então, acho que é mais ou menos por aí... eu não tenho muito claro assim o que seria.

Não percebi nenhuma participação discente nessa discussão. Acho que teve um congresso, mas, eu também não fui. Eu não lembro de professores que trabalhavam esta teoria. Algum ou outro falava... mais era mais assim... o assunto entrava em alguma tal do professor... e eram poucos os que discutiam... Mais os que eram relacionados com a disciplina de história da Educação Física.

Hoje eu entendo a Educação Física da seguinte forma: é talvez até esta discussão toda surge num momento em que a Educação Física tava buscando uma identidade. Tava buscando se encontrar. E aí, de início, esta talvez foi uma boa saída assim... como se a EF tivesse um rumo que ela pudesse seguir. Eu não acho que esteja precisando de uma Ciência da Motricidade Humana, eu acho que já tem. A Educação Física tem muitos estudos que cercam esta área, ela é uma área multidisciplinar. Não tem como fugir disto. Eu acho que o que a gente precisa é saber utilizar este conhecimento melhor, direcioná-lo melhor. Porque as pessoas falavam... é... no território dos anos 80 algumas pessoas até ficaram marcadas por seus discursos. Eu acho que isso foi uma crise da Educação Física e isso ajudou muito a gente. Então, hoje eu acho que a gente não precisa mais ficar idealizando alguma ciência própria da área da EF, eu acho que a gente já tem, o que a gente precisa é repensar estes conhecimentos que já existem.

#### F) DISCENTE EGRESSO INGRESSOU EM 1995

Ingressei no ano de 1995.

A Teoria da Ciência da Motricidade Humana? Eu me lembro que Ciência da Motricidade Humana... quando nós usamos esta terminologia, se eu posso assim dizer, ela... as justificativas a respeito de... o professor doutor Manuel Sérgio veio ao Brasil trazendo esse corpo de conhecimento em que ele dizia que a Educação Física era um ramo pedagógico da Motricidade Humana. Assim como, da área da saúde, medicina, enfermagem... na área da saúde. A Educação Física viria como um ramo pedagógico da Motricidade Humana. O que ele estaria classificando como Motricidade Humana? Vamos pegar pela terminologia: motriz, que é movimento. Seria essa questão de necessidade, força motriz: movimento. E humano porque o animal tem motricidade, mas não é um

movimento que não é consciente. É então, a terminologia Motricidade Humana tem a ver com os elementos pressupostos aí dentro desse quadro, que deveria ser a dança, as artes corporais em geral?

Bom, na realidade nos foi explicado a terminologia no segundo semestre na disciplina de História da Educação Física, mas já havíamos sido introduzidas nessa discussão em outras disciplinas. Eu lembro que em Aspectos Filosóficos da Motricidade Humana e em outras, mas mais profundamente no segundo semestre de 95, na disciplina de História.

**O significado, para mim, desta teoria, foi uma mudança de eixo, de paradigma, de você colocar que a Educação Física... ela tem um corpo de conhecimento. Apesar de que no início do curso ter sido colocado que a Educação Física estava em crise e que nós não tínhamos um corpo de conhecimento teórico a ser aplicado. Com a introdução da Teoria da Ciência da Motricidade Humana dava uma perspectiva de um conteúdo próprio da Educação Física que deveria ser trabalhado. Até, então... e outra acho que também fez a gente se deslocar do eixo, daquela coisa extremamente biológica ligada à área da saúde para algo de um aspecto social. Mas de começo ele negava, até certo ponto, este aspecto biológico.**

Bom, dos professores da Faculdade de Educação Física, poucos, acho... que trabalhavam a Motricidade Humana diretamente: Lino, João Freire, Wagner. Mas os professores de forma indireta contribuíram no campo de ação. Então, o fato de eu ter tido a disciplina Vivências Corporais, onde o eixo era você estar vivenciando atividades, onde não fossem somente atividades esportivas ou caracterizadas como: isso é Educação Física e isso não é Educação Física. Acho que naquele momento eu nunca tinha visto este trabalho na Educação Física e aquilo era algo novo. E, de uma certa forma, contribuiu para o entendimento do que viria a ser a Motricidade Humana.

Na minha formação esta teoria contribuiu porque você entra com uma visão da Educação Física esportivizada. E logo no início foi quebrada esta visão: olha, existe outra forma de se enxergar a Educação Física, de trabalhar a o campo de ação da Educação Física. Foi fundamental porque eu passei a enxergar o campo de ação da Educação Física por um outro viés pela questão é... eu não estou trabalhando com máquinas ou com uma coisa estereotipada, vou trabalhar sim, é claro que eu vou ter estereótipos de corpos, de beleza, de todos estes símbolos que a sociedade moderna traz. Mas o meu objetivo é estar promovendo a reflexão sobre todo este campo: o esporte, a ginástica, o jogo e a dança.

### **VIII. 3. QUESTIONÁRIO FECHADO**

#### **Ingressantes em 1999**

59 questionários recolhidos

#### **Segunda questão:**

32 responderam – sim;

26 responderam - não;  
01 respondeu - sim e não;

Terceira questão:

34 responderam - importante;  
18 responderam - muito importante;  
00 respondeu - pouco importante;  
01 respondeu - sem importância;  
02 responderam - indiferente;  
02 responderam - importante e muito importante;  
02 não responderam.

Obs.: Dos questionários recolhidos, 20 que responderam IMPORTANTE (15) ou MUITO IMPORTANTE (05), nesta questão, responderam NÃO na primeira questão.

Quarta questão:

01 respondeu - todos;  
14 responderam - a maioria deles;  
03 responderam - um;  
08 responderam - dois;  
08 responderam - três;  
22 responderam - quatro ou mais;  
01 respondeu - nenhum;  
02 não responderam.

Quinta questão:

21 responderam - citam a Teoria da Ciência da Motricidade Humana;  
03 responderam - conceituam esta teoria;  
04 responderam - a sistematizam historicamente no contexto das outras teorias da Educação Física;  
05 responderam - a situam no contexto histórico da FEF/UNICAMP;  
07 responderam - todas as alternativas anteriores;  
10 responderam - nenhuma das alternativas anteriores;  
03 responderam - citam a Teoria da Ciência da Motricidade Humana, a sistematizam historicamente no contexto das outras teorias da Educação Física e a situam no contexto histórico da FEF/UNICAMP;  
01 respondeu - a sistematizam historicamente no contexto das outras teorias da Educação Física e responderam e a situam no contexto histórico da FEF/UNICAMP;  
02 responderam - citam a Teoria da Ciência da Motricidade Humana e responderam e a situam no contexto histórico da FEF/UNICAMP;  
01 respondeu - conceituam esta teoria e responderam - a situam no contexto histórico da FEF/UNICAMP;  
02 não responderam.

Sexta questão:

32 **responderam** - não;  
04 **responderam** - só em sala de aula;  
00 **respondeu** - só fora de sala de aula;  
21 **responderam** - em ambos;  
02 **não responderam**.

Sétima questão:

01 **respondeu** - efetiva;  
16 **responderam** - ausente;  
27 **responderam** - deficiente;  
15 **não responderam**.

Oitava questão:

12 **responderam** - é incentivada pela Faculdade;  
39 **responderam** - não é incentivada pela Faculdade.  
08 **não responderam**

Nona questão:

23 **responderam**,  
- 15 somente Manuel Sérgio  
- 04 Manuel Sérgio e professores da FEF/UNICAMP  
- 02 somente professores da FEF/UNICAMP  
- 02 resposta não pertinente

36 **não responderam**.

Ingressantes em 1998

42 questionários recolhidos

Segunda questão:

16 **responderam** - sim;  
26 **responderam** - não;  
01 **respondeu** - sim e não;

Terceira questão:

21 **responderam** - importante;  
09 **responderam** - muito importante;  
07 **responderam** - pouco importante;  
01 **respondeu** - sem importância;  
02 **responderam** - indiferente;

00 **respondeu** – importante e muito importante;

02 **não responderam**.

**Obs.: Dos questionários recolhidos, 16 que responderam IMPORTANTE (11) ou MUITO IMPORTANTE (05) e responderam NÃO na primeira questão**

Quarta questão:

03 **responderam** – todos;

03 **responderam** – a maioria deles;

01 **respondeu** – um;

07 **responderam** – dois;

09 **responderam** – três;

16 **responderam** – quatro ou mais;

01 **respondeu** – nenhum.

02 **não responderam**.

Quinta questão:

18 **responderam** – citam a Teoria da Ciência da Motricidade Humana;

00 **respondeu** – conceituam esta teoria;

02 **responderam** – a **sistemizam historicamente no contexto das outras teorias da Educação Física;**

03 **responderam** – a situam no contexto histórico da FEF/UNICAMP;

07 **responderam** – todas as alternativas anteriores;

03 **responderam** – nenhuma das alternativas anteriores;

01 **respondeu** – a **sistemizam historicamente no contexto das outras teorias da Educação e conceituam esta teoria;**

01 **respondeu** – citam a Teoria da Ciência da Motricidade Humana e a situam no contexto histórico da FEF/UNICAMP;

02 **responderam** – citam a Teoria da Ciência da Motricidade Humana, conceituam esta teoria e responderam e a situam no contexto histórico da FEF/UNICAMP;

04 **responderam** – citam a Teoria da Ciência da Motricidade Humana, a **sistemizam historicamente no contexto das outras teorias da Educação Física e conceituam esta teoria;**

01 **respondeu** – citam a Teoria da Ciência da Motricidade Humana e conceituam esta teoria;

Sexta questão:

11 **responderam** – não;

15 **responderam** – só em sala de aula;

01 **respondeu** – só fora de sala de aula;

14 **responderam** – em ambos.

01 **não respondeu**.

Sétima questão:

00 **respondeu** - efetiva;  
22 **responderam** - ausente;  
10 **responderam** - deficiente,  
10 **não responderam**.

Oitava questão:

27 **responderam** - é incentivada pela Faculdade;  
07 **responderam** - não é incentivada pela Faculdade.  
08 **não responderam**.

Nona questão:

22 **responderam:**

- 09 somente Manuel Sérgio
- 04 Manuel Sérgio e professores da FEF/UNICAMP
- 03 somente professores da FEF/UNICAMP
- 01 resposta não pertinente

14 **não responderam**.

Ingressantes em 1997

36 questionários recolhidos

Segunda questão:

17 **responderam** - sim;  
17 **responderam** - não;  
01 **respondeu** - sim e não;  
01 **não respondeu**.

Terceira questão:

16 **responderam** - importante;  
12 **responderam** - muito importante;  
02 **responderam** - pouco importante;  
00 **respondeu** - sem importância;  
04 **responderam** - indiferente;  
02 **não responderam**.

**Obs.: Dos questionários recolhidos, 10 responderam IMPORTANTE (05) ou MUITO IMPORTANTE (05) responderam NÃO na primeira questão.**

Quarta questão:

01 **respondeu** - todos;  
13 **responderam** - a maioria deles;

- 00 respondeu - um;
- 03 responderam - dois;
- 06 responderam - três;
- 09 responderam - quatro ou mais;
- 02 responderam - nenhum.
- 02 não responderam.

Quinta questão:

- 09 responderam - citam a Teoria da Ciência da Motricidade Humana;
- 02 respondeu - conceituam esta teoria;
- 02 responderam - a sistematizam historicamente no contexto das outras teorias da Educação Física;
- 03 responderam - a situam no contexto histórico da FEF/UNICAMP;
- 04 responderam - todas as alternativas anteriores;
- 04 responderam - nenhuma das alternativas anteriores;
- 05 responderam - citam a Teoria da Ciência da Motricidade Humana e conceituam esta teoria;
- 02 responderam - citam a Teoria da Ciência da Motricidade Humana, a sistematizam historicamente no contexto das outras teorias da Educação Física e a situam no contexto histórico da FEF/UNICAMP;
- 01 respondeu - a sistematizam historicamente no contexto das outras teorias da Educação Física e a situam no contexto histórico da FEF/UNICAMP;
- 01 respondeu - citam a Teoria da Ciência da Motricidade Humana, conceituam esta teoria e a sistematizam no contexto das outras teorias da Educação Física;
- 01 respondeu - conceituam esta teoria e responderam e a sistematizam no contexto das outras teorias da Educação Física;
- 02 não responderam.

Sexta questão:

- 06 responderam - não;
- 09 responderam - só em sala de aula;
- 02 responderam - só fora de sala de aula;
- 15 responderam - em ambos;
- 04 não responderam.

Sétima questão:

- 05 responderam - efetiva;
- 05 responderam - ausente;
- 16 responderam - deficiente;
- 10 não responderam.

Oitava questão:

- 09 responderam - é incentivada pela Faculdade;
- 19 responderam - não é incentivada pela Faculdade;

**08 não responderam.**

Nona questão:

**responderam,**

- **06** somente Manuel Sérgio;
- **00** Manuel Sérgio e professores da FEF/UNICAMP;
- **04** somente professores da FEF/UNICAMP;
- **01** professores da FEF/UNICAMP e professores da EFE/USP;
- **03** respostas não pertinentes;

**22 não responderam.**

Ingressantes em 1996

10 questionários recolhidos.

Segunda questão:

**09 responderam - sim;**

**01 respondeu - não.**

Terceira questão:

**04 responderam - importante;**

**04 responderam - muito importante;**

**02 responderam - pouco importante;**

**00 respondeu - sem importância;**

**00 respondeu - indiferente;**

**00 respondeu - importante e muito importante;**

**00 não respondeu.**

Quarta questão:

**00 respondeu - todos;**

**04 responderam - a maioria deles;**

**00 respondeu - um;**

**01 respondeu - dois;**

**01 respondeu - três;**

**04 responderam - quatro ou mais;**

**00 respondeu - nenhum.**

Quinta questão:

**01 respondeu - citam a Teoria da Ciência da Motricidade Humana;**

**00 respondeu - conceituam esta teoria;**

**01 respondeu - a sistematizam historicamente no contexto das outras teorias da Educação Física;**

- 01 **respondeu** – a situam no contexto histórico da FEF/UNICAMP;  
02 **responderam** – todas as alternativas anteriores;  
02 **responderam** – nenhuma das alternativas anteriores;  
01 **respondeu** – citam a Teoria da Ciência da Motricidade Humana e a situam no contexto histórico da FEF/UNICAMP;  
02 **responderam** – citam a Teoria da Ciência da Motricidade Humana e a conceituam;  
00 **não respondeu**.

Sexta questão:

- 03 **responderam** – não;  
03 **responderam** – só em sala de aula;  
00 **respondeu** – só fora de sala de aula;  
04 **responderam** – em ambos.

Sétima questão:

- 00 **respondeu** – efetiva;  
00 **respondeu** – ausente;  
07 **responderam** – deficiente;  
03 **não responderam**.

Oitava questão:

- 02 **responderam** – é incentivada pela Faculdade;  
06 **responderam** – não é incentivada pela Faculdade;  
02 **não responderam**.

Nona questão:

- 05 **responderam**,  
- 05 somente Manuel Sérgio,  
05 **não responderam**.

## X)Bibliografia

- ALMEIDA, Marcelo F. de. *Presença do Eclétismo no Brasil – a Revista O Progresso e o Cousin Fusco*. Campinas (SP), 59p. 2001. Texto base para obtenção do título de mestrado em Sociologia. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2001.
- BRACHT, Valter (1989). *Educação Física: a busca da autonomia pedagógica*. In. REVISTA DA EDUCAÇÃO FÍSICA/UEM; v.1(0), p.28-33.
- BRACHT, Valter; CALEGARI SANTOS, Kefren. *Educação Física e Epistemologia: Analisando a Teoria da Ciência da Motricidade Humana de Manuel Sérgio*. In. XI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 3.1999. Florianópolis, SC. ANAIS...Florianópolis, 1999. p. 1222-1239.
- \_\_\_\_\_. *Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in) feliz*. Ijuí: Unijuí, 1999.
- CALEGARI SANTOS, Kefren. *Educação Física e Epistemologia: analisando a Tese da Ciência da Motricidade Humana de Manuel Sérgio*. Vitória (ES), 48p. 1997. Monografia de conclusão de curso de graduação. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 1997.
- CASTELLANI FILHO, Lino. *Pelos meandros da Educação Física*. In. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v.14 (3),1993,pp.119-125.
- \_\_\_\_\_. *Educação Física no Brasil: a História que não se conta*. 5.ed.Campinas, SP: Papirus, 2000.

**CHAUI, Marilena.** *Convite à Filosofia*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1995

**COLETIVO DE AUTORES.** *Metodologia do ensino da Educação Física*. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1994, 1.ed. 1988.

**GOMES, Roberto.** *Crítica da Razão Tupiniquim*. 8. ed. Curitiba, PR: Edições Criar, 1986.

**KUNZ, Elenor.** *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.

**MEDINA, João Paulo Subirá.** *A Educação Física cuida do corpo... e "mente": bases para a renovação e transformação da educação física*. 9.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

**SAVIANI, Dermeval.** *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 10.ed. São Paulo, SP: Cortez Editora: Autores Associados, 1991.

**SÉRGIO, Manuel.** *A prática e a Educação Física*. 2. ed. Lisboa: Compendum, 1978.

\_\_\_\_\_. *Motricidade Humana: uma nova ciência do homem*. Lisboa: ISEF - Serviço de Edições, 1989.<sup>7</sup>

\_\_\_\_\_. *Educação Física ou Ciência da Motricidade Humana?*  
2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

\_\_\_\_\_. *Motricidade Humana: um paradigma emergente*. Blumenau: Editora da FURB, 1993.

---

<sup>7</sup> Publicação realizada a partir de um ciclo de conferências organizado pela associação de estudantes em colaboração com o Departamento de Ciências do Comportamento Motor do Instituto Superior de Educação Física (hoje Faculdade de Motricidade Humana) da Universidade Técnica de Lisboa.

\_\_\_\_\_. *Para uma epistemologia da Motricidade Humana: prolégomenos a uma nova ciência do homem*. 2.ed. Lisboa: Compendium, 1994

\_\_\_\_\_. *Motricidade Humana: contribuições para um paradigma emergente*. Portugal: Instituto Piaget, 1995.

\_\_\_\_\_. *Motricidade Humana: uma autonomia disciplinar*. In. DISCORPO; São Paulo: Pontifícia Universidade de São Paulo. V.1(6), 1996.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Um discurso sobre as ciências*. 12. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

TAFFAREL; Celi Nelza Zulke. *O processo de trabalho pedagógico e trato com o conhecimento no curso de Educação Física*. Campinas, 250p. Tese de Doutorado UNICAMP, 1993.

TOJAL, João Batista Andreotti Gomes. *Currículo de graduação em Educação Física: a busca de um modelo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1989.

\_\_\_\_\_. *Motricidade Humana: o paradigma emergente*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.